



P.e Manuel  
Avelino Ferreira

# ROTEIRO DO VISITANTE

DA IGREJA BENEDITINA DE  
NOSSA SENHORA DO TERÇO



5(469.12)(036)

BARCELOS  
— 1982 —



edição  
especial

ROTEIRO  
DO VISITANTE

A Biblioteca Municipal  
de Garças em recordação

M. de F. F. F. F.

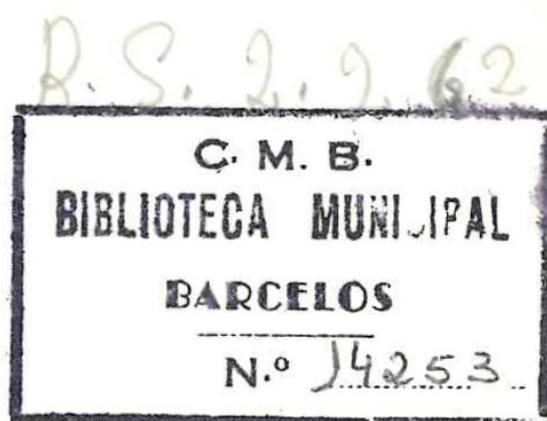
9-3-1987

Composto e impresso em Julho de 1982 nas oficinas  
gráficas da Companhia Editora do Minho — BARCELOS

P.e Manuel Avelino Ferreira

# ROTEIRO DO VISITANTE

«DA IGREJA BENEDITINA DE  
NOSSA SENHORA DO TERÇO»



BARCELOS  
— 1982 —

*Barceliano  
Perm.*

**NIHIL OBSTAT**

Considerado  
aplicável o  
do livro-base  
desta breve  
síntese.

**IMPRIMATUR**

Igualmente  
considerado  
aplicável o  
do mesmo  
livro.

## PARA QUÊ

«A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço», livro que hoje começa a imprimir-se\*, é secundado por este conciso *ROTEIRO*.

É complemento do livro, e é destinado aos visitantes mais atarefados ou menos pacientes, aos que não disfrutam de tempo ou disposição para se debruçarem proveitosamente em estudo mais amplo da história e Arte desta igreja barcelense, que bem merece ser de todos conhecida.

Ambos os trabalhos simultaneamente concebidos, teve o segundo gestão mais tardia, pelo que mais adiante verá a luz do dia.

E desses modos nunca mais se dirá um triste «não» aos visitantes da igreja, geralmente desejosos de possuírem livro esclarecedor, que «seria ainda instrumento de benéfica propaganda», como por vezes sugerem justificando o seu pedido.

Livros em mão, quemquer poderá facilmente ilustrar-se em belezas de Arte e na divina doutrina, melhor afeiçãoando alma e coração à suprema e eterna Beleza.

6/5/1982

O AUTOR

---

\* De muito interesse geral, e com 18 belíssimas gravuras coloridas.



6-11-82

NOTA ESPECIAL: *É mínima esta primeira edição do «Roteiro do Visitante», acrescida das apreciações referentes ao recente livro «A Igreja Beneditina...» e ao templo em causa, recebidas até 6-9-82, sendo arquivadas as posteriores em seu original, Alguma das quais, pela sua Notabilidade, se encontra adiante em «Mais Tarde», 70-a...*

*Não é esta edição para o público, mas apenas para arquivo de uso particular, e oferenda aos Ex.<sup>mos</sup> Autores das mesmas cartas apreciativas em sintonização de matizados pensamentos, como brinde de sincera gratidão no Senhor.\**

o A.

---

\* Tem o «Roteiro» uma segunda edição normal, numerosa e pública, e sem a dita correspondência.  
(Reservados todos os direitos a elas inerentes).



# 1

## NOÇÕES HISTÓRICAS E ARTÍSTICAS \*

Nas lides da vida moderna é frequente tornar-se escasso o tempo para enfrentar os problemas que a mesma vida transporta em seu flutuante e febril caminhar.

Daí a existência deste breve Roteiro para o Visitante que o deseje. E são horas de principiar.

1.º — *A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO TERÇO* é a antiga *IGREJA DE SÃO BENTO*. Foi igreja conventual, feita para as Religiosas Beneditinas, cuja Ordem S. Bento fundou. Por isso toda a sua Arte é motivada pela vida do santo fundador, com raras exceções.

2.º — *S. BENTO*. Nasceu no norte da província de Núrsia, Itália, em 480, nesse dia também nascendo sua irmã St.<sup>a</sup> Escolástica, confundadora da Ordem no seu Ramo feminino, cuja imagem se encontra no mesmo altar desta igreja. (cap. 4...)

---

\* Ver Livro-base, cap. 4-10; 16-19.

Foi S. Bento o iniciador do monacato ocidental, de que é Patriarca. É Padroeiro da Europa, que o santo grandemente civilizou pela sua acção, e pela actividade da sua Ordem monacal no rolar dos tempos.

3.º — *FUNDADOR DO CONVENTO DE BARCELOS*. Foi D. Rodrigo de Moura Teles, arcebispo primaz de Braga, por determinação de D. João 5.º, que assumira o compromisso de erguer este convento, em compensação daquele que mandara demolir em Monção para alargamento das muralhas de defesa da Pátria na longa guerra da independência. Foi lançada a 1.ª pedra em 1707, sendo a inauguração em 1713. (cap. 5).

4.º — *AS RELIGIOSAS*. Vieram de Monção para Braga em 1704, em número de 126. De Barcelos foram expulsas em 1834, por decreto de D. Pedro 4.º contra a Igreja Católica, quando veio do Brasil\*. Saíram as duas últimas em

---

\* Ele e o seu 1.º ministro Joaquim António de Aguiar foram os segundos perseguidores da Igreja em Portugal, tendo sido os primeiros o marquês de Pombal com o seu mandatado D. José, em meados do século 18.\*\*

A história marcou o Aguiar com o cognome de «mata-frades», tal foi a sua violenta e cruel maldade, com efeitos nos outros governos de D. Maria 2.ª, falecida em 1583 aos 34 anos de idade com 19 de reinado, etc.

Religiosas houve que, por elles afastadas dos seus mosteiros, morriam de fome. Ainda hoje nos contam duma deste convento que vivia só, a norte da vila, numa térrea man-

\*\* Na pág. 60 do livro-base, onde se lê *até hoje*, leia-se *até então*.

1842, sendo leiloado o convento em 1843 por 4 contos e 250 mil réis. (cap. 5-7). \*

5.º — *NA IGREJA A CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO TERÇO*. O convento foi demolido desde logo e aos poucos. A venda

---

sarda emprestada e pedindo esmola a tranzeuntes, definhando na miséria até ao fim.

Porém o terceiro e o maior tirano da Igreja entre nós foi o Afonso Costa no início da 1.ª república, de 1910 a 1917, data em que foi preso no Porto, quando Sidónio Pais subiu ao poder, seguindo meses depois para França onde morreu em 1937. Foi autor da última fatídica lei da separação da Igreja, o autor e inspirador de dezenas de leis e decretos contra Ela, prometendo liquidá-la numa ou duas gerações. Deportou os bispos, apodejou-se das catedrais, igrejas e seus bens; perseguiu clero, Religiosos e católicos, tudo como nunca visto; proibiu usar em datas o nome de Cristo, e muito mais...

Elemento marcante da maçonaria, era tal o seu despotismo que foi expulso do partido democrático de então. Personalidades de relevo social descrevem-no como segue: «*Audacioso até às máximas temeridades, orgulhoso até ao paroxismo*» dá-lo Raúl Brandão. Ribeiro Lopes classifica-o como um «*ser mitológico, a encarnação domoníaca de todos os males*». Machado dos Santos chamava-lhe *o mais audás, o mais inepto, e o mais imoral de todos os tiranos*».

O Dr. António José de Almeida atirava-lhe a sentença da sua maldição dizendo-o «*réu de crimes sem nome, que será condenado para todo o sempre a trabalhos forçados nas galés da história*».

Em nossos tempos o ilustre historiador e professor da universidade de Coimbra — Rd.o Doutor Avelino de Jesus Costa — declara-o «*o pior inimigo que até hoje teve a Igreja Católica em Portugal*».

\* Mil réis equivaliam a um escudo.

das grades de ferro e das pedras dos dois mirantes rendeu a quantia dispendida no leilão.

Depois de 1843, da então demolida capela do Espírito Santo \* foi trasladada para esta igreja de S. Bento a Confraria de Nossa Senhora do Terço. A ela ficou entregue a igreja conventual, tomando posse oficial em 1846; e, pela confraria, ela se incorporou na Arquidiocese. Daí a mudança do nome, considerando-se a Senhora do Terço Padroeira principal e S. Bento segundo titular. (cap. 8).

6.º — *ARTE DA IGREJA*. a) *Sua Talha*: Foi seu autor AMBRÓSIO COELHO com notável escola, sendo ele de S. Paio de Carvalhal, deste concelho. b) *Seu Estilo*: *Da Renascença* segundo os melhores peritos, com traços do de D. João 5.º, vendo-se a águia imperial no púlpito e no cimo dos altares. *Da tranzição* diriam outros. (cap. 10).

7.º — *PÚLPITO*. É a peça mais valiosa e artística da igreja, a mais apreciada pelos mestres da Arte. Único em Portugal; só semelhante na igreja da Madre de Deus em Lisboa, diz o Professor Robert Smith, americano de saudosa memória, estudioso da Arte portuguesa.

*Seu Autor*: GABRIEL RODRIGUES ALVES, entalhador de alta nomeada com escola de fama; de Landim, Famalicão; falecido em 1734. (cap. 10).

---

\* Que existia aqui ao lado-poente na avenida, junto do actual monumento do Bombeiro.

8.º — *AUTOR DAS PINTURAS E DO PLANO ARTÍSTICO.* (cap. 9). Foi o grande artista português ANTÓNIO DE OLIVEIRA BERNARDES, mestre indiscutível, com escola de muita competência e fama, multiplicando os seus trabalhos por todo o País. Pintava a óleo em tábua e tela, e foi quem primeiro pintou no barro em Portugal. Viveu no último quartel do século 17 e no primeiro do seguinte. Faleceu em 1731.

Tinha dois filhos, Policarpo e Inácio, também mestres notáveis, o primeiro no barro e o segundo na pintura a óleo.

Da paleta de António Bernardes são, com plena certeza, os painéis do corpo da igreja; e certamente, se não todos, são-no muitos do tecto, também preciosos.

Possivelmente terá sido autor dos 4 maravilhosos quadros embutidos nas paredes, vendo-se um deles reproduzido no tecto da capela-mor. Nesta faltam dois, por furto dizem que dos invasores franceses. (cap. 9 e 15).

*AUTOR* dos painéis azulejares da capela-mor, e do alizar do fundo das paredes do corpo da igreja, foi um pintor da escola de António Bernardes como se crê, que assina «P. M. P.». Seria o seu filho Policarpo? (cap. 9).

### 9.º — *OUTRAS PARTICULARIDADES.*

a) Toda a igreja se encontra no seu estado primitivo sem retoques posteriores, excepto o dos furtos referidos. b) Impressiona bem verem-se

ainda nas paredes as aberturas onde as Freiras se reconciliavam das suas faltas, os orifícios das grades de ferro nas paredes do coro-baixo onde elas comungavam e assistiam à celebração Eucarística, etc.

c) O tecto «*parece que foi pintado ontem*», como costumam dizer, tão nítido e perfeito se encontra; excepto o da capela-mor que outrora fôra caiado, e mais tarde raspado, pelo que se vê algo deficiente. (cap. 6, 16 e 17).

d) Desconhece-se ainda quem seja o autor da rica cantaria em pedra fina do fundo do altar-mor, de portadas e janelas, dos frontispícios exteriores da igreja, e da portaria do convento ainda existente. Seria o famoso architecto Carlos Amarante, de Braga, artista do Arcebispo fundador? É hipótese bem razoável de pessoa entendida.

e) A propriedade rústica do mosteiro era bastante extensa, limitada a norte por caminho, depois e hoje ainda denominado *Rua de Trás das Freiras*; e a nascente estendia-se para muito além da cerca conventual, erguida à face da anterior estreita *Rua Nova de S. Bento* até há pouco existente, hoje Avenida de D. Nuno Álvares Pereira.

Era a cerca uma boa muralha de 6 metros de alto, a qual há um ano foi demolida a norte para alargamento da dita rua. Continua ainda agora a demolição a nascente, para alinhamento da recente avenida de D. Nuno.

## AZULEJOS

### FALAM DE S. BENTO \*

É a pintura desta igreja toda beneditina. Apenas no tecto se vê um que outro quadro com motivo diverso.

Acompanhemos S. Bento, em largos traços da sua vida, através dos imponentes painéis azulejares das paredes deste sagrado recinto que lhe é dedicado.

A) — *PAREDE DO CORO. 1.º Plano*: Três painéis apresentam os começos da sua vida de ermitão, penitente e fundador no monte Subiáco.

1) — *LADO SUL*. S. Bento é visitado pelos pastores e caçadores depois de casualmente o encontrarem, e por jovens candidatos que desejavam ser como ele.

---

\* Cap. 11 e 9.

2) — *NO CENTRO*. S. Bento rebola-se, desnudado entre silvedos para vencer tentações.

3) — *LADO NORTE*. O Santo, já com o seu hábito de monge e fundador, manda o seu companheiro *corvo* levar para longe um pão envenenado, que conhecido Florêncio, invejoso, lhe enviara para o matar.

B) — *PAREDE NORTE*. — *Junto do Coro*: Os monges constroem um mosteiro. O demónio tenta embargar a obra. O Santo vem, ordena-lhe que se retire e não mais incomode os seus frades. Parece que desta vez o demo obedeceu muito a sério.

2) *ANTES DO PÚLPITO*. Alguém oferece uma bilha ao Santo para dessedentar-se do calor, tentando matá-lo deste outro modo, visto ele dos venenos bem se livrar com a costumada bênção.

S. Bento, inspirado, mandou despejar o conteúdo, e uma serpente saiu.

3) — *SOBRE A COROA DO PÚLPITO*. *No 2.º Plano*: O rei bárbaro Tótila, não acreditando no dom de profecia do santo, pediu-lhe audiência para si, mas enviou-lhe outro, vestido com as suas vestes reais, e com séquito, a experimentar. O santo, de longe, manda retirar o falso rei.

4) — *NO MESMO 2.º PLANO*. *Por cima do Altar*: São Bento recebe Tótila que lhe foi pedir

desculpa da brincadeira. O Santo atende-o, profetiza-lhe a sua vida futura, dizendo-lhe que conseguirá entrar em Roma com o seu exército, mas só terá 9 anos de existência.

5) — *NO 1.º PLANO. Depois do Púlpito:* Vê-se o lema da Ordem Beneditina que é «*Ora et labora*» — «Reza e Trabalha». Ao lado um mosteiro construído no monte Cassino. Religiosos oram em grupo ao ar livre, enquanto outros desbravam a montanha.

O trabalho executado por amor de Deus também é oração.

6) — *A SEGUIR.* Um frade mouro, que não tinha grande geito para nada, trabalhava junto dum lago com foice encabada; desprendeuse ela do pau, enterrando-se no lodo. Foi queixar-se a S. Bento, que veio, orou, apontou o cabo sobre a água, e a foice subiu por si, nele se encaixando como atraída por íman poderoso.

7) — *JUNTO DO ALTAR.* S. Bento atende bondosamente quem lhe pede favores e intercessão.

C) — *PAREDE SUL. 1) — Por cima do altar:* Os Religiosos, nos trabalhos exteriores, também disfrutam dos seus tempos de oração colectiva no maravilhoso templo da natureza, que tem por tecto a abóbada do céu azul, e por candelabro ardente o astro-rei.

2) — *Sobre a Porta*: Plácido e Mauro, dois nobres patrícios romanos, em seus ginetes e com séquito, pedem ao santo a sua admissão na Ordem. São hoje na Igreja S. Plácido e St.º Amaro, este o advogado das doenças ósseas.

3) — *Entre a Porta e o Coro*: É a morte de S. Bento. Ele, solene no esquife, sobre atoalhados de ricas franjas. No cimo a cruz entre velas e a imagem da Senhora. Ao fundo e ao longe, em pregações, Religiosos que viram subir ao Céu a alma do seu santo Pai. Foi para eles a notícia do falecimento.

D) — *PAREDE FRONTAL DO CORO. No 2.º Plano*: É o mais notável painel. S. Bento magestosamente entrega a Regra da Ordem aos seus filhos e filhas espirituais.

Sem a menor dúvida estes painéis são do magistral pincel do grande António de Oliveira Bernardes, o que muito nobilita este templo barcelense. (cap. 9).

E) — *PINTURAS*. Entre outras merecem especial atenção as *janelas desenhadas* no cimo da parede-norte, em número de 4.

São as *janelas fingidas* a espelharem as verdadeiras da parede-sul, por estas entrando o sol no templo. O mestre Santos Simões dá-lhes especial relevância como notáveis na arte do conjunto artístico.

F) — A CONCLUIR: *Paineis da Capela-Mor.\**

São dois, e descrevem os dois momentos fundamentais da história desta igreja.

1) — *Na parede-norte, 1.º plano:* Vemos o Arcebispo fundador D. Rodrigo de Moura Teles na bênção da primeira pedra; painel rico em pormenores do acto solene.

*Sobre a porta:* A legenda da data-14 de Agosto de 1707. *No alto, 2.º plano:* Mais duas janelas fingidas que, completando o número de 6 na igreja, também espelham as verdadeiras da parede-sul.

2) — *No 1.º plano desta parede:* É-nos apresentada a inauguração da igreja e do convento. As religiosas Beneditinas, vindas de Braga, entram solenemente na sua nova morada, cruz processional à frente, escoltadas por milicias de honra, fechando o séquito o arcebispo fundador, e vendo-se também, na imaginação do artista, o rei Magnífico, D. João 5.º. De facto esse monarca custeou e mandou edificar este monumento religioso, em compensação do mosteiro beneditino de Monção\*\* que ele e seu pai D. Pedro 2.º mandaram demolir para alargamento das muralhas em defesa da Pátria na

---

\* Ver livro-base, cap. 9, pág. 76 e cap. 11, pág. 99.

\*\* Fundado em 1150 pelo cidadão maiorial do sítio segundo uns, ou em 1550 dizem outros como data certa. Pessoa muito dada a sérios estudos do passado alvitra que essa fundação se teria realizado com Religiosas do convento beneditino de Orense, donde teria vindo a imagem do *Senhor do Perdão*, existindo na catedral de lá uma idêntica.

*Nota à página anterior:* A seguir à alínea 2) dessa página 16 deveria ver-se a descrição do quadro da vida de S. Bento, presidindo ele à refeição monacal; painel esse que na igreja se encontra entre o altar do santo e a porta principal, vendo-se nele pormenores de muita beleza.

longa guerra da independência, retirando-se as Freiras para Braga em 1704.\* *Sobre a porta:* A data da inauguração — 8 de Julho de 1713.

Ambas as datas, da bênção da primeira pedra e da inauguração, se encontram no frontispício exterior da igreja, gravadas em artísticas placas de pedra, e a última também se vê no cimo do arco cruzeiro.

Estes dois painéis e o alizar do fundo das paredes da nave da igreja são da paleta dum discípulo do grande António de Oliveira Bernardes, que assina P. M. P.; mas as guarnições em volta, na capela-mor, são do mestre Bernardes, como afirma Santos Simões, sumidade em Belas-Artes.

3) — *No centro do 2.º plano* destas paredes da capela-mor vêem-se dois espaços em gesso com desenhos arabescos, a comporem esses lugares provisoriamente desde há 50 anos, os quais na sua origem eram ricamente enfeitados por belíssimos quadros murais em tela, a condizerem com os quatro existentes nas paredes da nave.

Mas foi que, d'eles altamente enamorados, os franceses da pilhança nacional consigo os levaram, como se ouve, aquando das suas ridículas invasões, iniciadas em 1808.

---

\* Livro-base cap. 4 e 5.

*Nota esclarecedora:* A peritagem apreciativa dos valores artísticos, descrita neste «Roteiro» e no livro-base «Igreja Benditina», só responsabiliza os seus autores quando a citação se apresenta entre aspas «...» ou ainda em itálico, a indicar serem palavras textuais. Tudo o mais é da responsabilidade do autor dos livros, com base em factos incontroversos, em documentação fidedigna por ele contactada, ou em narrativas de pessoas conhecedoras directas, e competentes, além doutras descrições oportunas. Na pág 29, linha 9, suprime-se «românica», e leia-se «século 15-16».

### 3

## AZULEJOS QUE DÃO LIÇÕES

— ALA NORTE \* —

Os preciosos painéis do alizar do fundo das paredes da igreja *ensinam* belas lições de Arte, da melhor espiritualidade ascética, de virtudes e prudência humana.

São 20 mestres. Cada qual na sua cátedra, à espera dos visitantes seus alunos.

Vamos ouví-los com atenção.

Fala já o primeiro, ao fundo da ala-norte, que é um dos mais sabedores.

1) — *O DRAGÃO DAS SETE CABEÇAS*. Tem ele 7 cabeças que são os 7 vícios capitais. Uma mão tenta queimá-las, mas não ardem. O dragão é o amor profano, o amor mau, que só se extingue com o Amor Divino no nosso

---

\* Parede-norte. (cap. 12 do livro-base).

coração e vida; no convento; como fora dele. É a lição proferida na sentença.

2) — *O MEU VESTUÁRIO*. São vestidos de hábito Religioso em confecção, para *cada pretendente* que deseje ingressar na vida Religiosa. O hábito simboliza a *vocação* das Religiosas; e de cada um de nós por extensão. Há-de ela ser escolhida ao nosso gosto e à medida da nossa pessoa; há-de ser voluntária, e bem estudada para cada um, diz o mestre.

Depois de eleita a *vocação*, deve ser seguida com o entusiasmo da estreia dum vestido novo, e com persistência perseverante, «*sem olharmos para trás*».

3) — *O FEIO PÁSSARO*. Diz a lição que «*o sagrado da clausura não se viola só pelas portas*». Clausura é a proibição da entrada de pessoas de sexo diferente nos conventos enclausurados, como defesa da virtude de quem neles vive.

O pássaro feio, com guiços e gravetos nas garras sobre as cabeças das Religiosas, é o demónio tentador que nelas pode insuflar maus pensamentos e ruins desejos, prejudiciais à vida espiritual de quem vive no convento.

4) — *O SOL, ATRACÇÃO DAS ÁGUIAS*. É um Sol brilhante. Quatro inocentes avezinhas, seguindo a mãe-águia já coroada pelo bem feito

durante a vida, voam para o Sol atraídas pela sua beleza, *prémio* e *coroa* das boas obras da vida.

O Sol simboliza Deus no Céu. As avezinhas para Ele voando são as Religiosas, e as almas piedosas no mundo, que dia a dia, observando as Regras conventuais, ou a lei de Deus, merecem ser coroadas ou premiadas com a visão beatífica do Sol Divino na glória celeste: O nosso FIM sem fim...

5) — *O GALO VAIDOSO*. Um galo vê-se a um espelho, cheio de vaidade por ser tão belo. E diz o mestre que «ele, desse modo, se *suja a si mesmo*». Diz-nos a nós que «*só se compõe e enfeita bem quem se vê ao Divino Espelho*».

O galo significa as pessoas que desgostam a Deus com as suas vaidades e presunções.

Utilizemos o espelho quando preciso for, mas com simplicidade, para dignamente se aparecer em sociedade; e agradeçamos com humildade os dons de Deus em nós, que não são nossos.

6) — *A ÁRVORE E A OVELHA*. É uma frondosa árvore, que produz ricos frutos e oferece boa sombra a suavizar os calores da vida.

Uma ovelhinha disfruta de ambos os dons.

A árvore representa a Ordem Religiosa onde as Freiras *tudo recebem* sem nada possuírem, sendo elas simbolizadas pela mansa ovelhinha.

Também no mundo *tudo recebemos* da Divina Providência, talvez numa vida mais complicada, e trabalhosa. E, por tudo, todos devemos mani-

festar *sempre gratidão* ao Senhor que nos criou, nos conserva, e por nós vela...

7) — *O RAPAÇ DO COPO QUEBRADO*. Um rapazito consegue consertar com muita facilidade um lindo vaso partido. Diz o mestre amigo que «*na Religião, não pode haver ódios*».

Cá fora também não; devendo nas possíveis desavenças entenderem-se todos, e conciliarem-se com facilidade. «*Facile conciliantur*». \*

8) — *O CHICOTE E O FREIO*. Dum lado vê-se um chicote, e do outro um freio. Logo diz a lição que «*não se pode conservar a Religião sem castigo*», e que por vezes «*não basta um*».

O freio quer dizer que na Religião os superiores devem cuidar de *bem repreender e orientar* os súbditos. O chicote indica que os subalternos, não aceitando as repreensões cuidadosas do seu superior, e prevaricando, poderão e deverão ser castigados para sua correcção e seu bem. Em vista ainda o bem comum.

9) — *A FOUCINHA CEGA*. Vê-se, num solo com indícios de ceifa, uma fouchinha com dentição arruinada, que nada corta. Quando uma peça cortante não cumpre nessas condições, costuma dizer-se que está *cega*. O mestre diz-nos que «*a obediência há-de ser cega*», que «*vence até o impossível*».

---

\* Facilmente se conciliam; como sucedeu no copo.

Obediência *cega* é aquela que aceita as ordens superiores e as cumpre sem qualquer hesitação, e de boamente. É a obediência de inteiro mérito.

10) — *AS FLORES PERFUMADAS*. É um vaso repleto de perfumadas flores. Mão de alguém vem colher uma discretamente.

Diz a lição que assim procede «*porque as flores cheiram bem*»; e «*na Religião pode haver inveja mas só para imitar, e nunca para destruir*».

Portanto as flores são as virtudes das almas Religiosas; que cheiram bem; agradam a outras almas que sentem emulação santa para praticar essas mesmas virtudes, e não para as atacar.

Façamos todos assim na vida Religiosa; na vida cristã, na Igreja de Deus; na mesma vida humana.

A vida seria bem mais digna de ser vivida, na paz do Senhor e dos Irmãos.



## AZULEJOS QUE DÃO LIÇÕES

— ALA SUL \* —

Hoje são-nos ministradas as lições na ala-sul desta galeria de Belas Artes que é o templo que nos ocupa, nos santifica e nos ensina.

11) — *O SOL NÃO DESCANSA. Junto do altar: É um radioso sol sempre em actividade de aquecimento e luz, dando calor e vida à natureza, aos astros, à Terra, a todos e tudo.*

As lições dizem que o «*sol não descansa*». É o astro rei o modelo do trabalho humano dentro das humanas possibilidades; por isso acrescentam que «*na Religião não há-de haver ociosidade*».

O sol simboliza o trabalhador, no sentido de que *todo o ser humano é trabalhador* por natureza. Sem trabalho não se pode viver na Terra. Nada

---

\* Cap. 13.

de greves desnecessárias, nem de parasitismo, que são anti-sociais e anti-vida, anti-tudo...

Também diz a Escritura que «*Deus opera sempre*»... \* E o trabalho humano é uma ordem do Criador.

É Deus o modelo eterno, a trabalhar sempre, em tudo e em todos, com a sua divinal e infinita perfeição!...

12) — *CHOVEM RAIOS E TEMPESTADES*. Na Terra só penedias se vêm; rochas de resistência inabalável. Na atmosfera gera-se violenta tempestade de raios, águas e faíscas, a atirarem-se sobre a terra. Guerra dos elementos.

As lições ensinam que, «*quanto mais forte for o adversário, mais firme tem de ser a resistência*» nas tentações, provocadas pelos inimigos da alma: Mundo, demónio e carne. Sejamos firmes contra os inimigos da alma, do corpo, da sociedade, das pátrias, da Igreja, do bem. Supliquemos o auxílio do Bem Supremo, por Quem fomos criados para a salvação, na posse da Sua glória eterna.

13) — *UMA AVE VOANDO*. Num céu atmosférico chuvoso sobe, voando, uma ave grande.

«*Há-de voar o espírito para que o corpo não sinta*

---

\* «Meu Pai trabalha continuamente, e Eu também trabalho. Tal como o Pai ressuscita os mortos, assim o Filho faz viver aqueles que entende». Disse o Senhor. (S. João, 5, 17...).

*os rigores da Religião», «para que não sucumba», dizem as lições. Quanto mais a alma se unir com Deus em elevação espiritual e feliz, mais suave e leve será a caminhada para o seu *companheiro-corpo*, que é o jumentinho da sua viagem humana pelo mundo, pejada de sacrifícios e desilusões.*

14) — *O CHAFARIZ À PRESSÃO*. É um chafariz de repuxo que atira alto abundante feixe de água. Registam as lições da escola que a água, *«quanto mais oprimida, mais alto sobe»*; e que *«a humildade na Religião é que faz avultar a virtude»*. Desse modo tudo fica esclarecido. Quantas mais humilhações sofrermos por amor de Deus, mais alto subiremos na santidade, na perfeição da vida Religiosa, cristã e humana tanta vez orgulhosa.

15) — *NUTRIDA OVELHA ATRAI CHACAIS*. Vê-se gorda ovelha caminhando lentamente. Toda uma fauna faminta, atraída pelo cheiro agradável das suas saborosas banhas, para ela corre com apetite.

A lição declara que *«a Religião se há-de buscar pela fama da sua virtude»*, do seu bem-fazer.

É portanto nosso dever praticar o bem, *até para atrair ao bem outras pessoas desencaminhadas na vida.*

16) — *A VACA DO LAVRADOR*. Um agricultor tange freneticamente pachorrenta e linfática vaquinha que puxa a charrua na sua lentidão própria. Uma lição é imperativa dizendo-nos *«tu*

*cede*»; a segunda esclarece que «*o Religioso não há-de querer que toda a gente ande ao seu passo*».

Assim, devemos ser compreensivos e ceder das nossas opiniões, e mais, sempre que *o bem o aconselhe*; ou pelo menos daí não resulte mal. Não devemos exigir que todos sejam como nós. Deus Criador não quer igualdades. Cada homem é diferente de todos os homens. Não há dois rostos iguais.

Por isso são utópicas as igualdades apregoadas com fins inconfessáveis, doentios, e pior...

Ajudemos os nossos semelhantes a melhorar a sua vida, deixando-os no entanto *serem eles*, não os obrigando a *serem nós*. Haja tino e compreensão na vida. Não há duas naturezas, nem dois feitios iguais, e especialmente no seu pormenor individual e prático.

Com respeito e ajuda humana compreendamo-nos dentro dessas margens naturais. A vagarosa vaquinha no seu ponto; o ágil cavalo também no seu.

Se as coisas são violentadas ou trocadas, tudo se complica; e nada feito. Tudo no seu lugar, e nele procurando-se a melhor perfeição possível, é que está certo no plano do Criador.

17) — *CASA SEM COBERTURA*. Vê-se uma pequena casa bem construída, já com travejamento, mas sem telhado, e as lições são bem claras afirmando que, «*sem o cume, o prédio se desmorona*»; e que «*sem a oração não se pode conservar a virtude*».

A casa construída significa o *edifício da virtude* e *perfeição* que devemos erguer sobre o *alicerce da humildade*.

A oração piedosa é que *ergue* esse edifício espiritual, e o *conserva*. É a alma e a vida, o crescimento e a conservação da nossa espiritualidade, em perfeição ascendente. Não deixemos a oração. Seria a nossa pior ruína.

18) — *O SOL QUE ILUMINA E PENETRA*. Aparece um sol no centro. Um semicírculo na parte inferior apresenta seres de variada espécie, corpulência e força; desde seres humanos e bois até insectos. Sobre eles descem os raios solares, iluminando e penetrando no conhecimento natural e íntimo de cada um. As lições ordenam que «*não se deve exigir a ninguém nada que vá além das suas forças e capacidades*»; e que «*os superiores devem tomar individual conhecimento dos seus súbditos*»; como os pais, dos seus filhos.

Nestas bases o sol indica o olhar inteligente e penetrante do superior (e dos pais) no estudo dos subalternos.

Os variados seres do semicírculo representam os súbditos, diferentes em capacidades, feitos e dons naturais, facto que o superior deverá ter presente; bem como os pais, superiores natos.

19) — *O SOL DA LADEIRA*. Um sol brilhante no fundo duma rampa da vida será luz e inspiração do Sol divino.

Ao lado dois olhos. O de cima, atento, é o do superior que observa a conduta do súbdito, para castigar ou premiar. O de baixo que chora, é o do súbdito que sofreu o castigo merecido. Explicam as lições que «*o superior, assim como pode humilhar, também há-de premiar*», conforme as circunstâncias, e para bem.

Como um final ponto, vêm-se dois olhos pequeninos e unidos em harmonia e paz. Será essa união o melhor prémio e bem-estar duma vida colectiva, como seu ponto final.

20) — *O FLORIDO ARBUSTO* — São muitas flores num arbusto pequeno. Em busca do dulcíssimo néctar dos seus cálices rodopiam trabalhadoras abelhas no frenesim da sua missão.

É que «*nem em todas as flores elas encontram o doce produto das suas delícias*». Isso declara a primeira lição latina; e a segunda, portuguesa, reforça que «*nem sempre há-de o superior achar igual procedimento nos súbditos*».

Nem sempre as flores do mesmo arbusto são iguais, criando umas néctar, de melhor ou pior qualidade; e outras nem criando nenhum, por doença, por defeito de natureza, ou de ambiente.

Assim connosco, humanos. Nem em nosso procedimento poderemos ser sempre iguais.

*Finalíssima Lição:* Gratidão sincera aos bondosos Mestres é a lição dos seus Alunos, em afectuosa despedida.

## IMAGENS \*

Vejámo-las nos seus lugares.

A) *NO ALTAR-MOR*. Lado direito do sacrário, no 1.º plano: *Nossa Senhora da Conceição*. Imagem de madeira estofada,\*\* dourada; da 1.ª metade do século 17». «Duplamente bem qualificada».

No plano superior: *Senhor da Ascensão*. «Imagem de madeira policromada; de meados do século 18».

No lado esquerdo, 1.º plano: *Senhora da Abadia*. «Em pedra; românica; século 15; de influência francesa». «Em beleza e valia é muito qualificada».

Primitiva Padroeira de Barcelos; esteve no arco da Porta Nova nas antigas muralhas, um pouco a norte da torre ainda existente, encimando a rua Direita como remate. Do lado oposto estava o escudo da vila, depois colocado no museu municipal.

---

\* Cap. 14.

\*\* Esta palavra saiu com gralha no livro-base.

No plano superior: *S. Vicente Ferrer*. «Imagem de madeira estofada com uma mulher aos pés; século 17-18».

Sacerdote espanhol, de Valência; 1357-1419. Notável orador através da França; apóstolo das raparigas caídas.

No plano do sacrário: Imagens do *Coração de Jesus* e de *S. José*; em terra cota; provisórias; da segunda metade deste século.

Na porta do sacrário: *Senhor da Ascensão*; glorioso, ressuscitado; belo alto-relevo.

B) *NO ALTAR LATERAL-NORTE. Nossa Senhora do Terço*. «Imagem em madeira estofada e policromada; muito bela; século 19».

Padroeira principal da Igreja.

Ao Lado: *Santa Luzia*. «Imagem de madeira policromada sobre estofado dourado antigo; século 17».

Santa italiana; virgem, e mártir em 304-306. Existe outra pequena imagem da mesma santa.

C) *NO ALTAR LATERAL-SUL. São Bento. Segundo Padroeiro da igreja*. «Imagem de madeira pintada; século 17.

Santo italiano; nasceu na província de Núrsia em 480; fundador da Ordem Beneditina; morreu no Monte Cassino em 543 aos 63 anos. \*

---

\* Outra imagem de S. Bento existe no coro; madeira pintada; deste século.

Ao lado: *Santa Escolástica*. Irmã de S. Bento, e da mesma idade. «Imagem de madeira policromada com flores em ouro; estofada? Fins do século 17».

A Santa faleceu no Monte Cassino em 543. Foi cofundadora das Beneditinas.

D) — *NO CORO BAIXO*. Calvário: *Senhor do Perdão*. \*

«Cruxifixo de tamanho natural em madeira pintada; estilo gótico (cruz sem cabeça e imagem de rosto alongado); século 15».

É muito apreciada e comovente a expressão do rosto do Senhor: Boca entreaberta, bondade plácida, muita suavidade, acentuada resignação como quem sofre em missão por alguém a quem ama...

Ao lado: *São João Evangelista*.

O Discípulo amado, que esteve junto da cruz no Calvário. «Imagem de madeira policromada; princípio do século 18».

E) — *NO CORO ALTO*. No centro: *Santíssima Trindade*. «Imagem de madeira policromada; século 17». «Sobre um oratório de origem; do século 17».

---

\* E não «*Senhor dos Perdões*» como por lapso regista a gravura 10 do livro-base.

No interior do mesmo oratório: *Nossa Senhora Virgem e Mãe*. «Imagem de madeira policromada; século 17, autêntica». «Muito Qualificada».

Em coluna: *Senhor da Cana Verde*. O Senhor escarnecido pelos soldados e coroado de espinhos. «Imagem de madeira pintada; século 17-18».

Sobre a cómoda: *São Francisco de Assis*. «Imagem de madeira pintada; século 17».

Santo italiano; nasceu em Assis em 1182. Fundador da Ordem Franciscana nos seus três Ramos. Com St.<sup>a</sup> Clara fundou as Franciscanas Clarissas.

Numa coluna alta: *Busto de S. Bento*. Em madeira pintada; de braços e pulsos articulados. Antes de 1970 estava vestido com vestes episcopais, em tamanho natural.

Na cómoda: *St.<sup>a</sup> Filomena*. Imagem de madeira pintada; deste século.

Santa Italiana; virgem e mártir.

Três cruxifixos de altar; madeira pintada; estilo D. Maria 2.<sup>a</sup>; estando um no altar-mor. \*

F) — *NA SACRISTIA*. \*\* *Crucifixo pequeno*: Século 17-18. Imagens pequeninas do *Coração de Maria* e de *São José*; de madeira pintada.

---

\* No coro existem dois móveis de valor: Uma grande cómoda de paramentos e um pequeno órgão. São do tempo das Religiosas.

\*\* O tecto da sacristia é de 3 vigas paralelas, e não de viga central como diz o livro-base por deslize.

Um presépio, composto por 10 figuras em terra cota, servindo de gruta o baldaquino de madeira que se retirou de sobre o sacrário, quando se reconduziu a igreja ao seu primitivo estilo. (cap. 18).

Um simbólico e pequeno cordeiro com as respectivas letras; de madeira pintada; encimava o referido baldaquino de madeira antes de 1966.

G) — *NO EXTERIOR*. 1) — *Na Capela*.

Em alto: *Senhor dos Aflitos*. «Crucifixo em madeira pintada; sobre cruz de madeira; fins do século 18». Tem um rosto com expressão muito aflitiva. Foi ali colocada em fins do século anterior ou princípios deste, quando se fez a respectiva capela.

Deitado: *Senhor da Boa Morte*. Imagem de madeira pintada; tamanho natural. estilo gótico, de rosto suave e alongado. Século 15, como a imagem do Senhor do Perdão.

Aos lados pequenas imagens de S. Bento e S. Judas Tadeu; em terra cota.

2) — *No frontispício da porta principal: Nossa Senhora da Conceição*. *Padroeira* primitiva da igreja; imagem de pedra; com a coroa e escudo reais a seus pés, a significar que é Ela a Rainha de Portugal, sendo os reis seus vassalos.

3) *Na Portaria do Convento (primitiva): São Bento*. Imagem em pedra. Escudo do santo a seus pés.



## 6

### QUADROS CLÁSSICOS \*

A bela Arte, onde muito valiosa e bela se manifesta é na clássica pintura a óleo, na tela e na madeira.

Na «Igreja Beneditina de N.<sup>a</sup> Senhora do Terço» existem quatro maravilhosos quadros murais de muito valor e beleza; também outros, mas em reduzido número.

A) — *QUADROS MURAI*S. Seis belíssimos quadros em tela, circundados de não menos belas molduras douradas, foram colocados nas paredes deste templo, nelas embutidos a dizerem-nos que são de origem e dentro do plano.

Como já mencionado, só existem os quatro do corpo da igreja.

a) Desses, o mais apreciado, até porque melhor se pode contemplar pela incidência da luz, é o que está junto do coro na parede-norte, nele se vendo o *regresso da Sagrada Família*, do Egipto.

---

\* Cap. 15 e 9.

Artisticamente, a competência reconhecida do senhor Cónego Dr. Luciano dos Santos, Presidente da Comissão de Arte Sacra de Braga, classifica-o de «*Belíssima* pintura em tela; do princípio do século 18. Com *rica* moldura dourada da *Renascença*». \*

b) No segundo quadro da mesma parede, um tanto deteriorado pelas chuvas nele caídas antes do restauro da igreja em 1970, vê-se *santa Gertrudes*, Beneditina reformadora da Ordem no seu Ramo Feminino, falecida em 1334.

Santa italiana. Introduziu, na reforma, a Adoração Eucarística permanente.

c) Na parede-sul, entre o altar e a porta principal, existe um outro quadro, de *Santa Escolástica*. Como se disse, irmã de S. Bento, com ele fundadora das Beneditinas; nascida na província de Núrsia, Itália, em 480, e falecida no Monte Cassino em 543, cinco semanas antes de seu Irmão.

d) — Nessa mesma parede se vê, junto do coro, o quadro que representa o *Arcanjo* de Deus, convocador de vivos e mortos a Juízo no fim do mundo, de que fala o Evangelho, e comenta o Apóstolo S. Paulo.

Da autoria destes quadros nada se diz. Crê-se sejam de António de Oliveira Bernardes ou do

---

\* É da sua autoria toda a referida peritagem dos valores desta igreja. (Pág. 10; e cap. 10 do livro).

seu filho Inácio; mas em todo o caso sempre da sua escola.

B) — *QUADROS NORMAIS*. a) No Coro Baixo: *Santa Águeda*. «Uma pintura em tábua; século 17». «Bem qualificada».

Santa italiana; virgem, e mártir na perseguição de Nero, diz alguém; na perseguição de *Décio*, nos anos 249-51, segundo Grandi & Galli na sua *História da Igreja*.

b) No Coro Alto: «Dois quadros medianos em tela.

É um de *Santa Luzia*; o outro é da *Ascensão do Senhor*.

c) Na sacristia: *Morte de Santa Teresa de Jesus*. «Morreu de amor», diz o seu biógrafo. Nesta frase se inspirou o artista. «Pintura italiana; século 18». «Do grande italiano Bernini», acrescenta um crítico da Fundação Gulbenkian.

Santa espanhola. Doutora mística; reformadora do Carmelo. Nasceu em 1515 e faleceu em 1582.

O *Rosto do Senhor*: Sagrada Face do véu da Verónica, autenticada pela Santa Sé; pequeno quadro em papel com moldura simples.

*Pequeno Ex-voto*. Relato manuscrito, em madeira, dum milagre de S. Bento da Portaria. Muito apreciado pelo professor Robert Smith; aliás todos os ex-votos eram para ele de especial apreço, como referiu em 1973 na sua última despedida.

A *Santa Face*. Muito expressiva; ao natural;

em cartolina sobre madeira prensada; igual à que se vê no arco cruzeiro.\* Pintura recente, dum religioso franciscano; editada nas oficinas gráficas do Convento de Montariol em Braga. Diz-se «O mais Verdadeiro Rosto do Senhor». Pintado segundo uma carta, dita do tempo de Jesus, atribuída a um funcionário romano, e dirigida ao César imperador.

*Ei-la: «Soube, ó César, que desejavas ter conhecimento do que passo a dizer-te. Há aqui um homem, chamado Jesus Cristo, a quem o povo chama Profeta e os seus discípulos afirmam ser o filho de Deus. Realmente, ó César, todos os dias chegam notícias maravilhosas deste Cristo: ressuscita mortos, cura doentes e surpreende toda a Jerusalém.*

*Belo, e de aspecto insinuante, é uma figura tão magestosa que todos o amam irresistivelmente.*

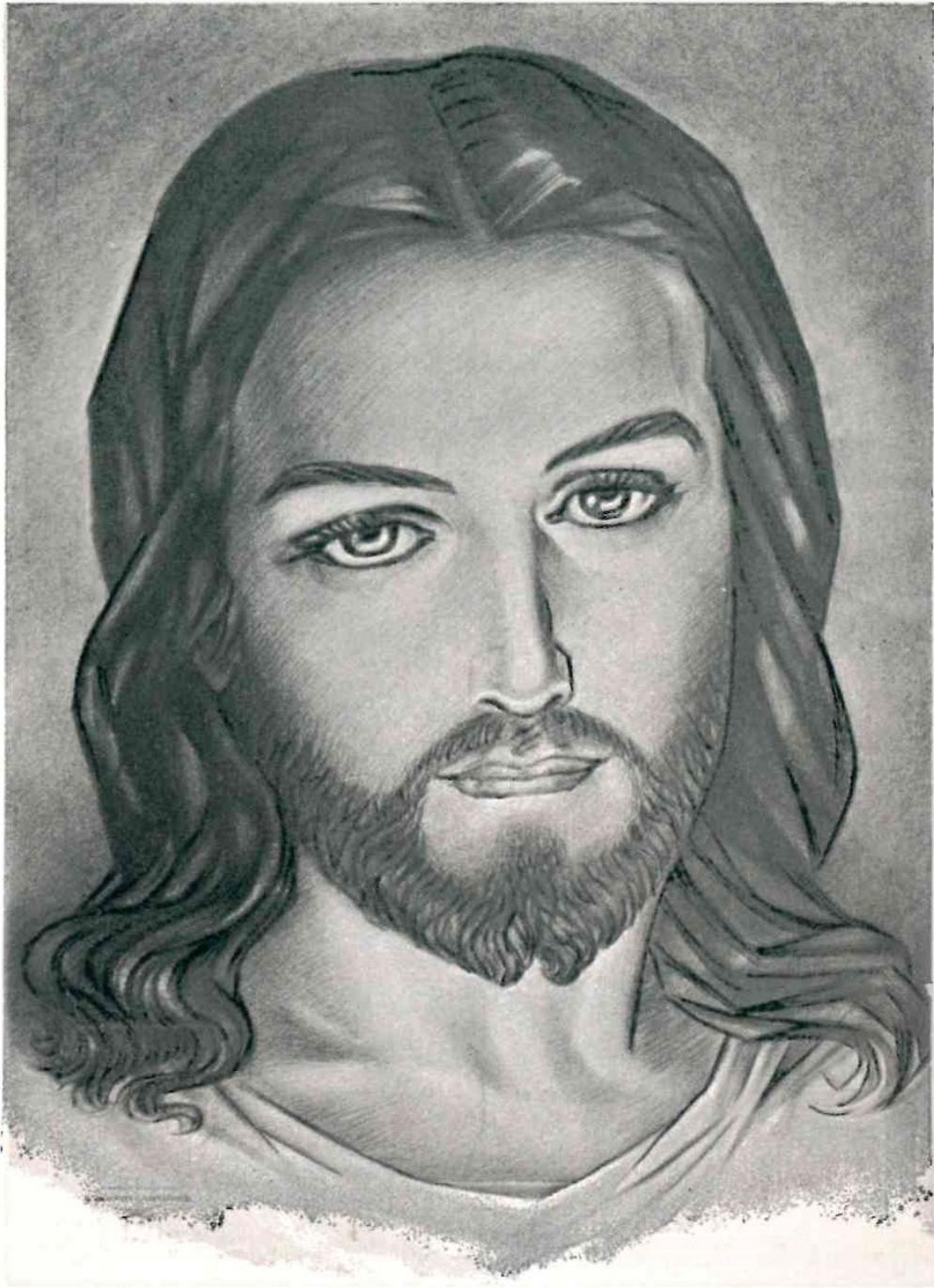
*O rosto moreno, com uma barba espessa dividida ao meio, é de uma beleza incomparável. O olhar é profundo e grave, e as pupilas são dois raios de sol. Ninguém pode fitar-lhe o rosto deslumbrante.*

*É o mais belo homem que imaginar se pode, muito semelhante a sua mãe, a mais bela figura de mulher que jamais por aqui se viu». \*\**

---

\* Esqueceu de registrar-se no livro-base.

\*\* Da carta de Públio Lêntulo a Tibério César; cujo original se encontra no museu de Damasco segundo se lê. Alguém pretendeu supô-la da Idade Média, mas sem fundamento de valia. A fantasia, quando motivada num sentido, facilmente tece suposições que geram dúvida a desqualificar valores.





E  
ASSIM

se fecha  
o estudo atento  
deste breve Roteiro

Abrindo-se, amplamente, instrutiva e bela para o leitor, a obra literária «*Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço*», que é História duma Igreja na História de Barcelos

De boa utilidade e  
consolação na caminhada para o Alto.

---

---

---

Última Notícia histórica: Na ainda existente portaria do convento havia a famosa *Roda* acolhedora de crianças recém-nascidas... Fonte doutro grande apostolado social das Religiosas Beneditinas de Barcelos. Lá se vêem os sinais.

Edição da Mesa da Confraria  
de Nossa Senhora do Terço, Barcelos \*

---

\* Presentemente constituída pelos Senhores Paulo Augusto da Conceição Pereira, António Manuel Godinho Meira, Fernando da Cunha Gandarela e Fernando de Araújo Coutinho.

## II

# NO FINAL: ARQUIVANDO

### 7

#### APRECIACÕES PARTICULARES

— Julho —

Numerosas têm sido as referências de crítica ao nosso livro «*A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço*». Publicado em Junho último, foi rapidamente divulgado em especial nos meios de mais destaque eclesiástico e social, de formação juvenil, etc.. Cedo afluíram correspondências apreciativas que preenchem estas últimas páginas do *Roteiro* complementar, numa visão de pareceres a bem da mesma igreja, em beleza mais conhecida mediante *esse* livro e *este* Roteiro. Ei-las na sua ordem cronológica:

1.<sup>a</sup> — Do Rev.<sup>mo</sup> Doutor José Fernandes de Carvalho Arieiro, Professor do Instituto Superior de Teologia da Universidade Católica em Braga, 3/7/82.

«Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira, Meu Bondoso Amigo: Com os melhores cumprimentos venho agradecer-lhe a oferta do excelente livro que escreveu sobre a linda Igreja de Nossa Senhora do Terço, de Barcelos. Como-veram-me as palavras da dedicatória porque revelam a

*bondade do seu autor e testemunham dedicada amizade para quem admira as qualidades que Deus lhe concedeu. Renovo os meus sinceros agradecimentos e o testemunho da minha maior estima e dedicação. Creia-me sempre ao dispor em Jesus Cristo. José Fernandes de Carvalho Arieiro».\**

2.<sup>a</sup> — De Monsenhor Alberto da Rocha Martins, D. Prior de Barcelos, 8/7/82.

*«Meu caro Amigo Padre Avelino: Foi com imenso prazer e emoção que percorri as páginas da sua última publicação — «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço».*

*Trata-se de um trabalho muito útil, claro, acessível e didático. O meu Amigo, nesta obra, conseguiu revelar toda a beleza desse templo que é verdadeiramente uma jóia artística.*

*Para além da descrição belíssima, há o testemunho autorizado dos documentos e dos grandes Mestres que se pronunciaram sobre a Igreja do Terço.*

*O seu nome, sem favor, terá de ser incluído no número dos estudiosos de Barcelos, das suas belezas e dos seus Monumentos artísticos. Mais ninguém poderá falar, com precisão e ciência, do Templo de Nossa Senhora do Terço, sem ter presente tudo quanto o meu Amigo escreveu nesta obra valiosíssima.*

*Quero, pois, felicitá-lo efusivamente. Apesar do seu trabalho apostólico tão aturado, ainda lhe resta tempo — e ainda bem! — para se dedicar a trabalhos tão úteis e prestimosos como o que acaba de realizar.*

*Agradeço-lhe o volume que me ofereceu, enriquecido por uma dedicatória tão gentil e generosa, e, do mesmo*

---

\* Superiormente indigitado em Março para Censor do livro em questão, sobre ele escreveu a expressiva carta que se encontra no final do mesmo, a pág. 223.

modo, agradeço os volumes enviados para o arquivo da Matriz. Bem haja por tudo!

*Aceite um grande abraço e os desejos de uma vida feliz e cheia de saúde. Monsenhor Alberto Rocha Martins».*

3.<sup>a</sup> — Do Sr. Padre Olavo Teixeira, professor do Seminário do Espírito Santo e Director da Casa de Nazaré, Silva, Barcelos, 7/7/82.

*«Meu caro e venerado Senhor P.<sup>e</sup> Avelino: Foi-me muito grata e valiosa a sua lembrança e preciosa oferta do seu belo livro sobre a Igreja de Nossa Senhora do Terço.*

*Já o folhee e espero lê-lo todo, apreciando desde já com particular interesse e legítima curiosidade o que se refere às inscrições e conteúdo dos azulejos.*

*Bem haja por mais este apostólico serviço à Igreja e à Senhora do Céu que todos procuramos amar e servir, e dar a gostar aos que nos cercam. Mais agradeço ter-se lembrado de mim e da nossa Casa de Nazaré, que gostaríamos de ver mais alargada e adaptada à sua finalidade de Marial espiritualidade. Por isso pensamos em obras. A Senhora dos «divinos projectos» nos abrirá as portas para começarmos.*

*Com muito affecto no Senhor e na Mãe, tudo com mil votos de saúde. Olavo Teixeira».*

4.<sup>a</sup>-7.<sup>a</sup> — Acusam e agradecem a recepção em 8 e 9 do 7:

O Sr. Padre Horácio de Campos Moreira, Pároco do Calendário, Famalicão;

a Revista «Colóquio», da Fundação Gulbenkian, de Lisboa;

a «Biblioteca Pública» de Braga;

mais o Sr. Director do «Diário do Minho» com as seguintes palavras: *«Estimado Colega, muitos parabéns pelo belo livro que escreveu sobre a Igreja do Terço. Deus o ajude. Com os cumprimentos do P.<sup>e</sup> Silva Araújo».*

8.<sup>a</sup> — Do Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Doutor José de Azeredo Perdigão, Lisboa, 9/7/82.

*«Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor: Dou em meu poder um exemplar da obra da autoria de V. Rev.<sup>cia</sup>, «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço» — História duma Igreja na História de Barcelos.*

*Agradeço, penhorado, a amável oferta e a gentileza da dedicatória que V. Rev.<sup>cia</sup> se dignou inscrever no exemplar que me enviou.*

*Debruçar-me-ei com vivo interesse sobre a referida obra logo que os meus compromissos mo consintam. Aproveito o ensejo para apresentar a V. Rev.<sup>cia</sup> os protestos da minha muita gratidão. O Presidente — José de Azeredo Perdigão».*

9.<sup>a</sup> — Do Sr. Director do Seminário do Espírito Santo, Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Mendes Pereira; Silva, Barcelos, 10/7/82.

*«Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira: Muitíssimo obrigado pelo seu magnífico livro sobre a Igreja do Terço, que acaba de editar e nos ofereceu.*

*Parabéns! Que o Senhor lhe robusteça a saúde para poder continuar a ter, e a dar destas e doutras grandes alegrias sacerdotais e artísticas. P.<sup>e</sup> Mendes Pereira».*

10.<sup>a</sup> — Do Sr. Director da Delegação-Norte dos Monumentos Nacionais — Arquitecto Silva Marques, Porto, 13/7/82.

*Ex.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira, Dig.<sup>mo</sup> Reitor da Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço, Barcelos: Junto tenho o prazer de enviar, a título de oferta pessoal, a publicação da Plaquete da Pousada de D. Dinis em Vila Nova de Cerveira, aproveitando o ensejo de agradecer o envio do livro «Igreja Beneditina*

*de Nossa Senhora do Terço. Com os melhores cumprimentos, o Director de Serviços — José da Silva Marques».*

11.<sup>a</sup> — Na mesma data: Da Sr.<sup>a</sup> D. Silvina Bandeira, de Vila Nova de Gaia.

*«Nosso bom e dedicado Senhor P.<sup>e</sup> Avelino: É com o mais profundo reconhecimento que venho agradecer a amabilidade que teve em nos oferecer mais um livro maravilhoso, e nem tenho palavras para exprimir o meu sincero agradecimento.*

*É sempre generoso para com os irmãos em Jesus. Deus lhe conserve a vida e lhe dê muitos anos de saúde para bem de todos nós os de cá, e das almas de muitos lados no País, beneficiadas pelo seu vivo apostolado de sempre. Com muita estima no Senhor, S. B.»*

12.<sup>a</sup> — Do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, 15/7/82:

*«O Cardeal Patriarca de Lisboa cumprimenta respeitosamente o Rev.<sup>do</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira e muito lhe agradece os dois exemplares de «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço» com as palavras bondosas que se dignou escrever na dedicatória. Felicita vivamente pela publicação.*

*† António, Cardeal Patriarca».*

13.<sup>a</sup> — Do Sr. Reitor do santuário de Nossa Senhora do Sameiro, Monsenhor José Ferreira da Silva, 17/7/82.

*Sr. P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira: Muito lhe agradeço o seu livro. Já lhe passei os olhos atentos, e parece-me livro de muito trabalho e de muito amor... Deus o ajude. Com veneração, J. Ferreira da Silva».*

14.<sup>a</sup> — De Sua Ex.<sup>cia</sup> Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, D. Eurico Dias Nogueira em 16/7/82.

*«Rev.º Senhor P.º M. Avelino Ferreira:*

*Retardei uns dias esta carta de agradecimento pela gentil oferta do seu novo livro, dedicado à Igreja do Terço, porque desejava lê-lo previamente. Assim sucedeu.*

*Li-o totalmente com vivo interesse e curiosidade, não só pelos dados históricos, como também pelos valiosos apontamentos sobre a arte, de que a igreja em causa é repositório.*

*Gostei de saber todo o esforço dispendido em vista de não se deixar perder um tão valioso templo que honra Barcelos e enriquece a Igreja diocesana.*

*Parabéns. Faço votos a Deus pela boa saúde de V. Rev.<sup>cia</sup>, a fim de continuar a servir o povo, e a dedicar-se às letras e defesa do património artístico.*

*Do muito afeiçoado*

*† Eurico Nogueira, Arc. Primaz».*

15.<sup>a</sup> — Do Sr. Reitor do Seminário Conciliar, e Instituto Superior de Teologia em Braga, Rev.<sup>do</sup> P.º Doutor Oliveira Fernandes, 18/7/82:

*«Cumprimento muito respeitosamente o Senhor P.º Manuel Avelino Ferreira, e, felicitando-o pelo seu maravilhoso trabalho sobre «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço», venho, profundamente sensibilizado, agradecer os dois exemplares que teve a gentileza de me enviar e que muito apreciei.*

*Que Deus cumule das suas melhores bênçãos V. Rev.<sup>cia</sup> e que, a esta, novas publicações se sigam. P.º António de Oliveira Fernandes».*

16.<sup>a</sup> — Do Rev.<sup>mo</sup> Arcipreste e Pároco de Vila Verde, Sr. Cónego Manuel Gonçalves Diogo, 17/7/82.

*«Muito Reverendo Amigo, vilaverdense illustre, P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira: Recebi, desvanecido, os seus dois exemplares do livro «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço». Obrigado pelas suas dedicatórias, que são tão amáveis; são de quem vinha unido à terra que lhe foi berço, e de apreço pelos que por cá vão moure-jando na causa de Deus e da Igreja dos Pobres.*

*Ficarão esses exemplares ao serviço do Clero e do Povo, nas suas bibliotecas. Também todos se sentirão honrados por terem mais um padre a continuar a pléiade de sacerdotes ilustres e cultos de Vila Verde. Li, ainda que sofregamente. Espero fazer agora uma leitura mais profunda.*

*Tantas vezes passei por Barcelos. Não supunha que tivesse uma igreja com tantos tesouros artísticos. Pô-los em relevo foi um serviço a Barcelos e a toda a cultura artística portuguesa.*

*Foi um óptimo trabalho de investigação cuidadosa e com uma transmissão que desperta o interesse e o gosto por esses tesouros. De relance parece-me existir uma certa equiparação dessas talhas e azulejos com a Igreja da Penha de Braga. Porém, a Igreja do Terço possui mais riqueza de pinturas. Despertou-me um interesse grande. Bem haja!*

*Li também várias referências ao concelho de Vila Verde e à sua história. Entre o mais, refere-se ao casamento de D. Nuno Álvares Pereira com D. Leonor Alvim, de família da freguesia de Vila Verde. Na chamada Igreja Matriz Velha existe um túmulo tosco de pedra granítica local, medieval, mas deve ter-se posto dentro da terra, que estava coberto com uma tampa de barro cozido. A tradição atribui-o à Família Alvim, com o escritor P.<sup>e</sup> Carvalho; e mesmo à D. Leonor Alvim. Que haverá de positivo?*

*Vai formar-se uma Biblioteca Municipal. Gostaria de ir arquivando elementos de investigadores, sobretudo do Clero do Concelho, para a formar.*

*Estou-lhe muito grato. Estou ao seu dispor.*

*Com muita estima e reconhecimento, — Manuel Gonçalves Diogo».*

17.<sup>a</sup> — Do Reitor do Seminário de Nossa Senhora da Conceição em Braga, Sr. Cónego José Borges, 19/7/82:

*«O Cónego José Borges cumprimenta o bom amigo P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira, e felicita-o pela magnífica obra que acaba de lançar ao público. Fá-lo em seu nome pessoal, com muita gratidão, e em nome do seminário que dirige.*

*Que Deus abençoe os seus esforços por dar a conhecer melhor o património cultural e histórico da Igreja, já que, por cobiça ou desmazelo, muitos o vão delapidando. Com muita gratidão, P.<sup>e</sup> José Borges».*

18.<sup>a</sup> — Do Rev.<sup>do</sup> Mestre de Cerimónias da Arquidiocese, Sr. Cónego Manuel Rodrigues de Azevedo, 20/7/82.

*«Padre Manuel Avelino: Felicito calorosamente o meu querido Amigo e distinto Condiscípulo pelo seu esplêndido e tão bem documentado trabalho histórico: «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço».*

*Que canseiras lhe não devem ter custado as pacientes consultas dos documentos atinentes!*

*Gravuras, preciosas. Apresentação gráfica, impecável. Parabéns, e muito grato pela gentileza da oferta. Cónego Manuel Rodrigues de Azevedo».*

19.<sup>a</sup> — Do Senhor Reitor da Universidade do Minho, Rev.<sup>do</sup> Doutor Lúcio Craveiro da Silva, 22/7/82.

*«Ex.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira, Confraria de Nossa Senhora do Terço, Barcelos: Agradeço, penhorado, a oferta do livro «A Igreja de Nossa Senhora do Terço», que muito apreciei, e vou ler com a maior atenção e prazer. Com os melhores cumprimentos, o Reitor — Lúcio Craveiro da Silva».*

20.<sup>a</sup> — Do Senhor Reitor da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica em Braga, Rev.<sup>do</sup> Doutor Júlio Moreira Fragata, S. J.; 23/7/82.

Extraviou-se esta carta do conjunto epistolar. Apresentava felicitações pela feitoria do livro «excelente nos seus diversos sentidos», pondo em relevo a «valiosa projecção de se fazer reviver a Arte sacra tão descurada», terminando com as seguintes palavras positivas e compensadoras: «*A Igreja da Senhora do Terço já tem a sua história*».

21.<sup>a</sup> — Do Sr. Prior de Azeitão, Setúbal, Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Manuel Frango de Sousa, notável estudioso da Arte em geral e das belezas da nossa Igreja, (no livro bastante citado), 25/7/82.

*«Ex.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira: Recebi o seu belo livro «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço».*

*É, para mim, certo, que todos quantos conservam e divulgam as obras de arte são beneméritos da sociedade (da família de Deus, para nós cristãos).*

*O belo faz parte da vida das pessoas e entra no campo moral e espiritual.*

*Ao conservarmos e divulgarmos as obras de arte estamos a homenagear a Deus criador, e a ser «instru-*

mentos» conscientes do mesmo Deus; estamos a preservar o ambiente são, e a dar motivos para se sonhar o futuro. Bem haja pelo seu livro. Bem haja pela dedicatória amiga. Um abraço do P.<sup>e</sup> Manuel Frango de Sousa».

22.<sup>a</sup> — Do Sr. Reitor da Paróquia de Barcelinhos, Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Dr. Abílio Mariz de Faria, 27/7/82.

«Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Avelino: Acuso a recepção do livro «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço», da vossa autoria, para o arquivo paroquial.

Já comecei, interessado, a sua leitura.

Aceite os meus cumprimentos e a minha gratidão. P.<sup>e</sup> Abílio».

23.<sup>a</sup> — Do Rev.<sup>do</sup> Pároco da Silva, Barcelos, Sr. P.<sup>e</sup> Miranda Avis de Brito, 27/7/82.

«Prezado Amigo: Não quis endereçar-lhe este cartão de agradecimento sem primeiro folhear e medir, a meu modo, o valor da sua obra, agora publicada.

Pois quero apresentar-lhe muitas e sinceras felicitações, e manifestar-lhe o meu respeito e admiração pelo valioso serviço prestado à cultura e à Igreja, a despeito dos muitos contratempos de saúde e obrigações pastorais. Atenciosamente, P.<sup>e</sup> Avis de Brito».

24.<sup>a</sup> — Do Senhor P.<sup>e</sup> Dr. Abel Gomes da Costa, Professor do ensino escolar da cidade de Barcelos, 28/7/82.

«Senhor P.<sup>e</sup> Avelino: Agradeço-lhe a oferta do seu último livro — A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço. Porque me encontro ainda em recuperação da fractura sofrida e tenho mais tempos livres, quero dizer-lhe que já o li todo, e muito aprendi.

*Dou-lhe os parabéns por fazer sair do esquecimento os valores tão apreciáveis que a referida Igreja contém. Bem haja. Com os meus cumprimentos subscrevo-me Mt.º Grato e Obrigado. Abel Gomes da Costa».*

25.<sup>a</sup> — Do Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Abade de Singeverga, Superior da Ordem Beneditina em Portugal, Roriz, St.º Tirso — Rev.<sup>mo</sup> Lourenço Moreira da Silva, 27/7/82:

*«D. Abade de Singeverga cumprimenta com todo o respeito e estima o Senhor P.<sup>e</sup> Avelino, agradece e felicita-o vivamente pela publicação do precioso livro sobre a Igreja Beneditina de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Terço, apreciando muito o seu amor à arte e à justiça das coisas. Que o Senhor continue a ajudar e a dar-lhe força no seu «braço direito» para repôr ainda, cada vez mais e sempre, essa justiça. Fraternalmente no Senhor*

*† Lourenço Moreira da Silva».*



## OUTRAS APRECIACÕES

— Agosto —

26.<sup>a</sup> — Do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Vigário Episcopal e D. Prior de Guimarães, Monsenhor António de Araújo Costa, 1/8/82.

«*Il.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira: Recebi a magnífica obra «A Igreja Beneditina de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Terço», da autoria de V. Rev.<sup>cia</sup>, que representa um enorme esforço, muita paciência e não pouca coragem para editar neste tempo uma obra assim, de inestimável valor para a História de Portugal e da Igreja em Barcelos.*

*Quantos tesouros desconhecidos há que são verdadeiros monumentos históricos e testemunho de Fé, ao mesmo tempo que representam irrefutáveis provas de quanto Portugal deve à Igreja e às suas instituições! E são ignorados, pela excessiva modéstia de se não darem a conhecer no seu devido tempo.*

*Bem haja, e que S. Bento lhe alcance do Senhor longa vida e boa saúde, para continuar a pôr a descoberto outros tesouros que abundam nas terras dos nobres e valentes Alcaides de Faria.*

*Muito grato lhe estou pela oferta, que fica muito bem na biblioteca da Igreja Irmã, que é a Igreja da Insigne e Real Colegiada de Guimarães. Um abraço muito amigo do sempre grato no Senhor. Araújo Costa».*

27.<sup>a</sup> — Do Senhor Architecto Gaspar Cadaval de Sousa Coutinho, notável Industrial em Barcelos e no Porto, 1/8/82.

«*Ex.<sup>mo</sup> Senhor Padre Avelino: Com os meus cumprimentos, venho agradecer-lhe o livro que fez o favor de me oferecer «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço», da sua autoria.*

*Só agora escrevo a agradecer porque antes quis lê-lo; e, sem qualquer ideia de elogio imerecido, quero dizer-lhe que pode estar orgulhoso da sua publicação, pois não só contribui grandemente para o conhecimento da história da Igreja do Terço, como conseguiu que a sua leitura se faça com muito agrado, o que nem sempre se consegue neste tipo de literatura.*

*Os meus parabéns, e muitos cumprimentos do Amigo certo — Gaspar de Sousa Coutinho».*

28.<sup>a</sup> — Do Senhor Director da Escola do Magistério em Braga, Dr. Manuel Mendes dos Santos, 2/8/82:

«*Manuel Mendes dos Santos, Director da Escola do Magistério, felicita vivamente e agradece, pela Biblioteca e pelos alunos, o seu excelente trabalho. Cordialmente, M. dos Santos».*

29.<sup>a</sup> — Da Casa da Torre, Centro de Espiritualidade e Cultura dos Senhores Padres Jesuítas, Soutelo, Vila Verde, 2/8/82.

«*Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino: Apenas uma palavra para, como bibliotecário, agradecer a atenção que teve connosco de nos oferecer este seu oportuníssimo livro sobre «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço».*

*Óptima ideia de pôr por escrito este «saber» sobre esse templo. Estas monografias são uma espécie de duplicado do edifício, a dar-nos a possibilidade de em certo modo o visitar e admirar sem sairmos de casa.*

*Este género de trabalhos gosto de os conservar com todo o cuidado na biblioteca.*

*Mais uma vez obrigado pela iniciativa e pela oferta. Ao dispor in Domino. P.<sup>e</sup> José Alves Pires».*

30.<sup>a</sup>-32.<sup>a</sup> — Acusam e agradecem a recepção até ao dia 6/8/82: O Sr. Director do Colégio de D. Diogo de Sousa em Braga — Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Elísio de Araújo;

o Sr. Director da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra;

e o Magnífico Reitor da mesma Universidade, dizendo: «o reitor da Universidade de Coimbra com os melhores cumprimentos agradece, muito reconhecido, a amável oferta de Vossa Reverência».

33.<sup>a</sup> — De Sua Ex.<sup>cia</sup> Reverendíssima o Senhor Bispo de Setúbal, D. Manuel da Silva Martins: «Casa Episcopal, 6/8/1982».

«Senhor P.<sup>e</sup> Avelino,

*Há cerca de um mês, passando por Barcelos, fiquei agradavelmente surpreendido por um livro que vi nos escaparates das livrarias, que não comprei por estas se encontrarem encerradas, e que agora, por penhorante gentileza do seu autor, me vem ter às mãos.*

*Vou lê-lo com carinho. Sabe que quero a Barcelos como a terra natal, e já vi nas primeiras páginas que me vai ensinar muito do que eu sempre ambicionei saber.*

*Felicito-o pelo seu trabalho, que vai, como diz nos prefácios, ajudar muita gente a ler e entender esse livro magnífico que é a Igreja do Terço.*

*Mas felicito-o sobretudo pela ocupação útil e preciosa que soube dar ao seu tempo livre. Se todos proce-*

dêsemos da mesma formu, como seria diferente a história de tantos dos nossos padres, e a vida de tantos dos nossos monumentos...

Que o público, sobretudo de Barcelos, o acolha com o interesse e carinho que se encontram nas suas linhas, e que Deus lhe conceda saúde e estímulo para continuar nestes trabalhos.

*Creia sempre na amizade do Mto. Grato e Dedicado*

† *Manuel da Silva Martins, Bispo de Setúbal.*

*Post Scriptum: Junto uma estampa que o Santo Padre me deu para oferta aos amigos. † M. M.»*

34.<sup>a</sup> — De Fátima; da muito devotada Servita de N. Senhora, do Seu santuário e peregrinos, D.<sup>a</sup> Angelina Pinto Leite, 19/8/82.

«Reverendo Senhor P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira: Com os meus respeitosos cumprimentos venho agradecer o apoio e coragem que me incutiu no dia 15, em que passei por aí. Mais uma vez um «muito obrigada» pela maravilha dos livros da vossa autoria que fez o favor de me oferecer. Que Nossa Senhora o compense em graças; que só Ela sabe dar, como mãe solícita, o que nos faz falta.

À «Livraria Verdade e Vida» e à «Livraria do Santuário» ainda não chegaram os livros sobre a vossa linda igreja de Barcelos.

Neste mesmo correio lhe envio o livro «Nossa Senhora aos seus Sacerdotes» e um opúsculo referente a um documento oficial sobre a Coroa Angélica de S. Miguel. Envio também a referida coroa. Como nasci no dia de S. Miguel, o que considero grande graça de Nosso Senhor, sou muito amiga do santo Arcanjo, e divulgo a sua devoção tanto quanto possível.

...Não esqueço Vossa Reverência junto da Mãe. Muito grata... *Angelina Pinto Leite».*

35.<sup>a</sup> — De Sua Ex.<sup>cia</sup> Reverendíssima o Senhor Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa, e Director da Revista «Síntese da Diocese do Porto», D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, 18/8/82.

*«Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira: Recebi c/. alegria e já comecei a ler c/. proveito e prazer o s/. últ. (até ver) livro s/. a Igreja Beneditina de N. Sra. do Terço de Barcelos. Mts. parabéns. Não pare. Coragem. E q/. Deus proteja a s/. saúde. Um abraço in Jesu.*

† Serafim».

Numa estampa de recordação pontifícia:

*«Ao Sr. P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira c/. Mt. estima e amizade, in Jesu. † Serafim Silva».*

36.<sup>a</sup> — Do Rev.<sup>do</sup> Pároco de S. Pedro e Igreja de S. Francisco em Évora, Sr. Cónego Manuel da Silva Salvador, 19/8/82\*.

*Meu caríssimo Amigo Senhor Padre Avelino: Quanta alegria me deu o seu livro sobre «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço»! Há tantos, tantos anos que andámos — o Senhor Arcebispo, o Sr. P.<sup>e</sup> Avelino e este seu amigo — por terras do Alentejo; ele já partiu e nós ambos ainda cá estamos, mas eu de muletas em virtude do reumatismo que me atingiu as articulações.*

*De quando em vez vou por essas terras da Arquidiocese, por exemplo Borba; e lá vejo, em recordação, o Senhor Padre Avelino no púlpito a prègar a palavra de*

---

\* Algumas palavras desta longa e saudosa carta devem-se apenas aos bondosos olhos do seu autor, sem correspondência deste lado.

*Deus com o seu entusiasmo de grande apóstolo. O meu bom Amigo impressionou-me sempre pela sua humildade, e ainda mais, e muito mais, pelo amor às almas. Que grande alma era o nosso bom Padre Avelino! E é hoje certamente ainda mais.*

*Como sabe, o Senhor D. Manuel morreu-me nos braços na manhã de 30 do mês de Março,\* quando daí a duas horas partiríamos para uma visita pastoral. Veio o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, com quem estive oito anos; e ele depois nomeou-me pároco da freguesia de S. Pedro, de Évora, que tem o seu culto na célebre Igreja de S. Francisco.*

*Para o ano faço vinte anos de pároco! Nestes últimos 8 anos a minha vida foi muito afectada pelo reumatismo, como disse. Exerço toda a vida paroquial, ainda que bastante limitada pela dificuldade em me deslocar.*

*A voz que diz ter ouvido na Televisão, aquando da vinda do Santo Padre a Vila Viçosa, não era minha, mas sim dum Colega que também se chama Salvador. Pelos vistos V. Rev.<sup>cia</sup> continua a ser um apóstolo da palavra e da escrita: Já li umas páginas do livro sobre a sua igreja, que achei maravilhosas!...*

*Por hoje não me alongo mais. Agradeço, muito penhorado, o seu livro e a imerecida dedicatória; quando vier a Évora (venha) matar saudades, teria uma grande alegria em abraçar o grande apóstolo, para quem já mando agora um abraço, que é do seu mto. Amigo — Cónego Manuel da Silva Salvador».*

*E, numa bela estampa de S. Francisco, escreveu ainda o venerando Amigo de longa data:*

*«Ao Senhor Padre Avelino, a quem conheci há 37 anos, ofereço com um abraço de muita estima e amizade — Cónego Manuel da Silva Salvador. Rua da Graça, 29; 7000 — Évora».*

\* (de 1950?)

37.<sup>a</sup> — Da Sr.<sup>a</sup> Professora da escola da Portela de Penela, Vila Verde\*, D.<sup>a</sup> Glória de Sousa Ribeiro, 23/8/82.

*«Rev.<sup>mo</sup> Senhor Padre Avelino: Venho agradecer sinceramente o livro que fez o favor de me oferecer a mim e à minha escola da Portela. Fiquei muito contente... E mais agradeço ainda a dedicatória que escreveu.*

*Demorei em responder porque quis ler o livro primeiro para poder pronunciar-me. Agora só me resta dar-lhe os meus parabéns, mais sinceros e amigos, pela obra realizada. Estou certa de que ela lhe deu muitas canseiras, muitas preocupações, imensas horas de trabalho. Mas... valeu a pena; e por certo está contente, feliz até, porque o Senhor o ajudou, lhe deu saúde, e o deixou chegar ao fim. Mais uma vez os meus sinceros agradecimentos, parabéns amigos e votos de muita saúde em paz e alegria. Glória de Sousa».*

38.<sup>a</sup> — Do casal Elisa e Moraes, do Movimento Focolar com sede na basílica dos Congregados em Braga, 25/8/82.

*«P.<sup>e</sup> Avelino: Votos de boa saúde são os meus votos, melhor, os nossos votos. Nós vamos caminhando, uns dias com sol, outros com chuva, mas na esperança de que dias melhores e de maior paz venham a acontecer.*

*Em vésperas de férias, venho agradecer o livro que nos enviou. É uma obra bela, um bom trabalho. Parabéns para o autor e um obrigado nosso do fundo do coração pela lembrança amiga.*

*Não escrevi mais cedo talvez por preguiça, por falta de disposição, e talvez porque demasiado absorvida por preocupações... Com tudo isso não o esquecemos, e não queremos partir para férias sem dar notícias... A Vida*

---

\* Dali sendo o destinatário.

*afinal é bela, tem coisas boas. Nós é que às vezes vemos-lhe só o negativo. É preciso voltar a ver também o positivo da vida e das pessoas, num sorriso de confiança.*

*Fico por aqui. Peço-lhe que vá rezando por nós. Meu marido e eu estamos-lhe muito gratos. Em Cristo um abraço nosso. Elisa-Morais».*

39.<sup>a</sup> — Do Rev.<sup>mo</sup> Arcipreste de Vila do Conde, Sr. Padre Porfírio Salazar, 25/8/82.

*«Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira: Com os melhores cumprimentos venho agradecer os dois exemplares do seu livro que se dignou oferecer para os Arquivos do Arciprestado e da Paróquia respectivamente. Ainda não o li, mas já o folheei e verifico que é uma obra valiosa que honra o seu autor e a classe sacerdotal a que o mesmo pertence. Mais uma prova de que a Igreja não é obscurantista. Bem haja. Coragem. E sempre àvante, Senhor Padre Avelino. Muito obrigado pela oferta. Sem mais, sou respeitosamente — P.<sup>e</sup> Porfírio Salazar».*

40.<sup>a</sup> — Do Senhor Professor Doutor Joaquim José Nunes de Oliveira, ao tempo Presidente da Comissão de Obras da igreja; Porto, 30/8/82.

*«Ex.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira, Dig.<sup>mo</sup> Reitor da Igreja de Nossa Senhora do Terço, e Meu Prezado Amigo:*

*Recebi, alguns dias antes de sair para férias, o livro que em boa hora decidiu publicar sobre essa «jóia» que é a Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço, e que de forma expressiva e amiga me ofereceu.*

*Entendi levá-lo na minha bagagem para o ler calmamente, e gostei.*

*De regresso a minha casa, aqui estou a felicitá-lo vivamente, pois faltava, sem dúvida, na história de*

*Barcelos uma obra assim tão completa e tão bem escrita sobre a história desta magnífica Igreja.*

*Deveu-se sobretudo à tenacidade e ao entusiasmo do meu Amigo o «Restauro» que se impunha, e que salvou um dos Monumentos de que Barcelos se pode orgulhar. As suas cartas, que fazem parte do meu arquivo, são o testemunho do que afirmo.*

*Agradeço-lhe as palavras que nesse excelente livro me consagra, numa fase em que a falta de memória de muitos e a ingratidão de outros tantos se fez e faz ainda sentir. Mas a verdade é que o tempo vai passando... e a recordação de um passado, que já parece distante, irá possivelmente conduzindo a um melhor exame de consciência.*

*Com os meus melhores cumprimentos, creia-me Amigo sempre ao dispor — Joaquim Nunes de Oliveira».*

---

## UMA RESPOSTA

Outras muitas pessoas se nos têm dirigido por telefone e pessoalmente, com palavras e abraços de felicitações, vindo algumas de longe, mesmo em grupos, vibrando de livro em mão, para conhecerem a Igreja e quem sobre ela escreveu...

A todas elas, e a quantas escrevem e escreveram assim estas belezas de arquivo, vai um fervoroso *Muito Obrigado*, em nome do *Senhor* que ajudou... como bem diz a carta de 3 e 7.

Ao Senhor toda a glória.

ELE

é

de todo o bem

O

AUTOR



*APRECIACÕES  
DA IMPRENSA E DA RÁDIO*

1) De «*A Voz do Minho*»,\* Barcelos, 8/7/82:

**«A IGREJA BENEDITINA  
DE NOSSA SENHORA DO TERÇO»**

Do Rev.<sup>do</sup> Padre Avelino Ferreira recebemos este livro que se lê com muito interesse e agrado, e nos dá a conhecer a História da Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço.

Agradecemos a gentileza e felicitamos o autor pela sua valiosa obra.

2) De «*A Ordem*»,\*\* Porto, 12/7/82:

**«A IGREJA BENEDITINA  
DE NOSSA SENHORA DO TERÇO»**

A igreja beneditina de Nossa Senhora do Terço pertence à história de Barcelos, como monumento arquitectónico e como centro de

---

\* Director: Doutor Manuel Alves do Vale Lima.  
\*\* » Doutor José de Almeida Garrett.

vida religiosa, que estava a pedir uma digna monografia. Fê-la agora o Padre Manuel Avelino Ferreira, há 15 anos ao serviço do velho templo, «branca pérola encastoadada no correr das casas da Avenida dos Combatentes, sobranceira ao Campo da Feira da histórica cidade de Barcelos, plena de graça e vida». E fê-la com a consciência de investigador e o zelo de defensor do património artístico nacional.

A vasta igreja conventual foi fundada nos começos do século XVIII e nela oraram devotamente Religiosas vindas de Monção, até que lhes deu golpe de morte o maçonismo de D. Pedro IV, que tudo profanou e demoliu, com baboso gáudio das alfurjas revolucionárias. *Foi preciso esperar por 1940 para de algum modo se repararem os estragos e as violências do liberalismo vitorioso.* Apesar de todas as vicissitudes, a igreja beneditina de Nossa Senhora do Terço conservou o mais importante da sua riqueza estética, quer em talha dourada, quer em pinturas, azulejos e imagens. E nunca deixou de influir na formação espiritual e social do povo, que sempre lhe quis bem. Continuando o apostolado pastoral do Padre Bonifácio Lamela, nada tem descuidado o Padre Manuel Avelino Ferreira que, além de tudo, com notável visão, estudou o passado do magnífico edifício, e colaborou, entusiasticamente, nas obras de restauro a cargo dos Monumentos Nacionais. A monografia que acaba de publicar é a última expressão do seu amor à Igreja e à Arte. Insere-se a sua feliz iniciativa na tradição dos párocos, que à cultura portuguesa se têm dedicado, às vezes com pesado sacrifício pessoal. O que fez é um nobre exemplo a apontar e a seguir.

3) De «*O Barcelense*»,\* 17/7/82:

*UMA PÉROLA BARCELENSE:*

«A IGREJA BENEDITINA  
DE NOSSA SENHORA DO TERÇO»

«Acaba de ser publicada esta interessantíssima obra que muito enriquece a História de Barcelos.

O Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira, virtuoso sacerdote, que vem, desde há muitos anos, exercendo a sua profícua acção pastoral nesta cidade, como capelão das igrejas de S. José e do Terço, tem-se imposto à consideração e respeito de todos também como estudioso e escritor de altos méritos. Igualmente como investigador, surge-nos como alguém que pacientemente se tem debruçado sobre os arquivos, compilando importantes documentos e analisando-os criteriosamente.

Esta importante obra — um livro de 240 páginas, descreve-nos, não só a origem da Igreja de Nossa Senhora do Terço, mas também o que de belíssimo existe — e tanto é — nesta que nós designamos convictamente como «Uma Pérola Barcelense».

Na verdade, quem se der ao cuidado de visitar este templo, fazendo-se acompanhar e guiando-se por este precioso livro, não deixará de chegar à mesma conclusão a que nós chegamos: Barcelos possui ali, talvez sem o saber, pelo menos

---

\* Director: Rev.<sup>do</sup> Joaquim Faria de Brito.

sem até agora lhe dar o justo valor, uma verdadeira pérola de altíssimo valor artístico.

Bem haja o Sr. P.<sup>e</sup> Avelino Ferreira, pelo esplêndido trabalho — autêntico presente oferecido aos barcelenses e aos amantes da arte.

Alguém, com mais competência do que nós, lhes fará uma ainda mais oportuna apreciação.

Para já, as nossas felicitações, e agradecimentos pela oferta do seu livro.»

4) Do Semanário «*O Diabo*», Porto e Lisboa,\*  
17/8/82:

### «A IGREJA BENEDITINA DE NOSSA SENHORA DO TERÇO»

«Não há muito tempo que os telespectadores portugueses tiveram ensejo de ficar a conhecer o excelente acervo de arte sacra que é a centenária igreja beneditina de Nossa Senhora do Terço, em Barcelos, que, de resto, está classificada como monumento nacional. A história desse templo e o estudo e descrição do seu precioso conteúdo motivaram ao padre Manuel Avelino Ferreira um trabalho notável, em que as matérias são tratadas até à exaustão,\*\* mas num discurso atraente. Atraente — e útil a estudiosos da arte e da história, bem como certamente muito agradável a todos os barcelenses, tal como o pretendeu e conseguiu o Autor, que está de parabéns.

---

\* Directora: *Vera Lagoa*, pseudónimo da valorosa escritora D.<sup>a</sup> Armada Falcão.

\*\* Na mira de satisfazer muitos visitantes que se fixam no pormenor da Arte e da história com o melhor da sua visão artística. (*Nota do autor do Livro*).

Acrescente-se que a execução gráfica (realizada localmente) é na verdade modelar, tirando-se ainda todo o proveito das dezasseis belas gravuras que ilustram o livro.»\*

---

41.<sup>a</sup> — Da **Rádio Renascença**, Delegação-Norte, Porto, 3/7/82; recebida em 4/8/82.

*Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino Ferreira: Com os meus cumprimentos agradeço o livro «A Igreja Benedictina de Nossa Senhora do Terço» que teve a gentileza de nos enviar.*

*No programa «A Igreja no Plural», numa das próximas edições, farei uma referência à obra, que reputo de interesse cultural e religioso.*

*Com os meus cumprimentos subscrevo-me com toda a atenção (Assinatura ilegível)*

**Última Hora.** 42.<sup>a</sup> — Do Rev.<sup>do</sup> Pároco de São Mamede de Arcozelo, Barcelos, Sr. P.<sup>e</sup> José Carlos Seara, 7/9/82.

*«Rev.<sup>mo</sup> Senhor P.<sup>e</sup> Avelino: Com os meus muito respeitosos cumprimentos agradeço, penhorado, a gentileza e distinção que me concedeu com a oferta de «A Igreja Benedictina de Nossa Senhora do Terço», e peço desculpa da demora tão tardia.*

*Também eu era dos que gostavam de admirar as belezas artísticas dessa igreja, mas não as lia em profundidade por falta de apoio seguro a ilustrar-me. Assim, quando recebi esta prenda, comecei a lê-la com interesse sempre crescente. Muito obrigado por esta atenção.*

---

\* E são das oficinas Lito-Maia, Porto.

*Entretanto, se me permite, gostaria de fazer uma pequenina advertência: A páginas 32 refere-se V. Rev.<sup>cia</sup> a S. José como orago desta paróquia de Arcozelo, mas, na verdade o orago é S. Mamede. A S. José foi dedicada a igreja recentemente construída, numa perspectiva de futuro... Queira V. Rev.<sup>cia</sup> desculpar-me esta observação, que é feita em espírito de colaboração.\**

*Termino agradecendo ainda o profundo trabalho de investigação realizado e a honra que me dispensou. De V. Rev.<sup>cia</sup> o amigo em C. J. — P.<sup>e</sup> José Carlos Seara».*

---

\* Ainda referia que o termo «pequenas» parcelas, da nota dessa página, não era bem aplicável à zona citadina da sua freguesia.

É  
este  
FINAL  
gratidão ao  
Divino Criador...

Canções — voz comum  
em notas cristalinas  
de muito lado vindas  
aclamando as *belezas* do  
Templo do Senhor...

Por sua vez, *estas* cantadas  
em Livro devotado, que as  
leva a todo o lado, em letras  
sentidas de carinho e a primor.

Também sentida gratidão,  
em dia, a quantos colaboraram,  
em vital ganha-pão \* ou por amor,  
e a quem escreve, adquire, e felicita...  
Alegria em flor. \*\*

..... 6 .....

..... 9 .....

..... 1982 .....

---

\* Na tipografia, e Lito-Maia portuense, em tintas e papel;  
e a outra vária gente.

\*\* Futuras apreciações conservar-se-ão em arquivo eclesial,  
sendo-nos conhecidas. Já nele se encontra a carta do Rev.do  
Director do Seminário Missionário Carmelita, do Sameiro, seguin-  
do-se mais, como a anunciada do Rev.do Dr. Fernando Rodrigues  
de Carvalho, Dig.mo Chanceler da Câmara Eclesiástica de Braga.



9-A

## MAIS TARDE

I

PELA SUA RELEVÂNCIA, AINDA A CARTA  
DO SANTO PADRE



VATICANO

*«Secretaria de Estado, 4 de Outubro de 1982.*

*Ao Rev.<sup>do</sup> Senhor Padre Manuel Avelino Ferreira, Igreja de Nossa Senhora do Terço, Barcelos»...*

*«Prezado Padre,*

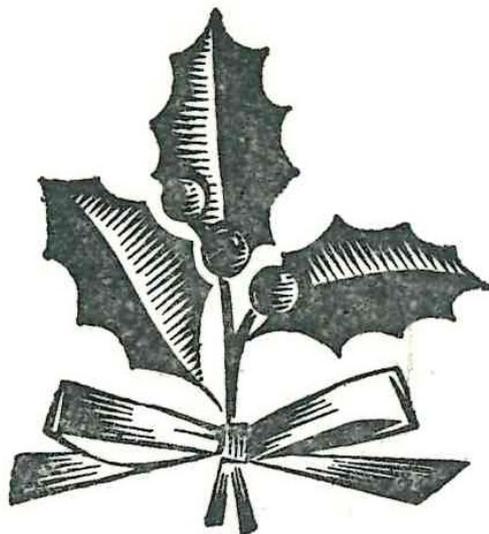
*Por ocasião da peregrinação a Fátima e visita pastoral do Santo Padre João Paulo II a Portugal, quis testemunhar-lhe sentimentos de veneração, regozijo e gratidão, acompanhados de votos de bem, oferecendo-Lhe uma publicação de sua autoria, numa atitude de homenagem, explicitada em termos reverentes na dedicatória exarada no frontispício do volume.*

*Desempenho-me da incumbência de exprimir-lhe o agradecimento de Sua Santidade por tal delicadeza, que se enquadra por certo naquelas manifestações contínuas de affecto, de que os filhos de Portugal quiseram rodeá-Lo, «com um calor humano tão espontâneo e entusiástico que Ele jamais poderá esquecer».*

*Assim, também me é grato ser intérprete dos votos do Sumo Pontífice pelas melhores felicidades para a sua pessoa e para os seus entes queridos, e pelas graças celestes para fidelidade a Cristo e à sua mensagem de Salvação, votos de que faz prece, por Maria Santíssima Mãe de Deus e dos homens, e que corrobora com a Bênção Apostólica.*

*Aproveito o ensejo para lhe afirmar a melhor consideração em Cristo Senhor.*

† E. Martinez (Subst.)»



---

Em duas amáveis palavras também o Senhor Bispo de Leiria comunicou a recepção do livro.

## II

...E MAIS DUAS A CONCLUIR:

Da Universidade Livre de Lisboa — «UL —»,  
Biblioteca; Rua Vítor Cordon, 41-47, Lisboa,  
20/9/82.

*«Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Padre Avelino Ferreira:  
Recebemos o seu magnífico trabalho «A Igreja Bene-  
ditina de Nossa Senhora do Terço», que muito agra-  
decemos e que tem o maior interesse, não só sob o ponto  
de vista religioso como também histórico e artístico.*

*Bem haja pelas simpáticas palavras da dedicatória  
que teve a gentileza de fazer, e pelos votos de êxito  
para a nossa jovem Biblioteca, e Universidade.*

*São palavras amigas como as que nos envia, assim  
como todo o entusiasmo que nos anima — quer às pessoas  
que trabalham nesta Biblioteca quer às que trabalham  
em toda a Universidade — que nos dão coragem para  
prossequirmos na tarefa de tornar a nossa Universidade  
cada vez maior e melhor.*

*Dado o valor do seu «trabalho», permita-me sugere-  
rir-lhe que prossiga a sua obra fazendo o estudo de  
outras igrejas que, pela sua importância, se possam con-  
siderar de interesse histórico.*

*As fotografias do livro «A Igreja Beneditina de  
Nossa Senhora do Terço» também estão muito boas e  
muito o enriquecem.*

*Esperamos em breve podermos receber mais traba-  
lhos de V. Reverendíssima, e com o mesmo nível que  
este apresenta.*

*Com a expressão da nossa consideração enviamos  
cumprimentos amigos. A Directora da Biblioteca — Dr.<sup>a</sup>  
Maria Angelina Teixeira Coelho».*

Da Universidade Católica Portuguesa, sede central; Palma de Cima, 1600 Lisboa, 26/10/82.

«*Rev.<sup>mo</sup> Senhor P. Avelino Ferreira e meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo: Recebi e percorri com a mais viva satisfação o volume «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço — História de uma Igreja na História de Barcelos».*

*Não me passou despercebida a fraterna e generosa dedicatória com que me penhorou.*

*Pela obra e pelas palavras o meu «muito obrigado», embora tardio, devido ao grande movimento de correspondência e negócios a que a Reitoria da «UCP» me obriga.*

*Creia V. Rev.<sup>cia</sup> que trabalhos destes me conquistam sempre grande admiração, pelo seu objecto, pelo que significam de amor ao trabalho, pela valorização do nosso património histórico-religioso e artístico, pelo que revelam de ilustração por parte do Clero da Arquidiocese.*

*Os meus votos: Que V. Rev.<sup>cia</sup> prossiga, e que outros colegas lhe sigam o exemplo, pois até por essa via farão apostolado, análogo ao do «Campo» que me foi confiado A. M. D. G. \* Um abraço amigo.*

*José Bacelar e Oliveira, JS.*

*— Reitor —*

*«P. Script. — Os outros exemplares seguiram o seu indicado destino; e um lá irá parar à futura Biblioteca Universitária João Paulo II, cujos prospectos gostosamente lhe envio com a fotografia do Santo Padre assinando o auto da bênção da primeira pedra.»*

---

\* Ad Maiorem Dei Glóriam.  
Para a maior glória de Deus.

Ainda uma valiosa carta \* do Senhor Doutor Luís Filipe Avis de Brito, Dig.<sup>mo</sup> Director da Secretaria Notarial de Guimarães, distinto colaborador da revista local «Gil Vicente», que assim se exprime:

*«Guimarães, 18/12/982.*

*Ilustre escritor P.<sup>e</sup> Manuel Avelino,*

*Peço desculpa de, inibido por contrariedades diversas, só nesta data, um mês atrasado, vir inteirar V. Rev.<sup>cia</sup>, e sobretudo penhorar-me no meu reconhecimento, referentemente aos dois livros da sua autoria sobre a «Igreja Beneditina da Senhora do Terço».*

*Certo que já saboreara com incalculável satisfação várias e cuidadosas leituras suas no exemplar principal «A Igreja Beneditina...», que me emprestara meu irmão Abade da Silva, a quem ia restituí-lo no Natal, sendo assim que, desde agora, com grande felicidade posso contar com a permanente existência da Obra nas minhas estantes.*

*Numa próxima saída a caminho de Viana com minha família e outros acompanhantes, conto sobremaneira levar comigo o exemplar mais pequeno, o do «Roteiro do Visitante», para, ao passar por Barcelos, pontificar na*

---

\* Ver nota no verso.

*Igreja, apreciar e explicar essa grandiosidade dos seus painéis e talhas.\**

*Meu irmão já lhe deve ter transmitido a minha admiração pela tão desenvolvida e criteriosa exposição histórica desse Monumento e dos acontecimentos nacionais dos tempos por que passou, aliás numa redacção de encantadora simplicidade. E também lhe terá manifestado o meu grande apreço pela excelente apresentação das gravuras, do papel e composição gráfica.*

*Pretendo ainda salientar que os dados das páginas 198, 199 e 200 sobre os «Últimos Proprietários» me acordaram saudades indizíveis dos anos em que convivi com tais pessoas; e esperava sempre pelas decorações e colocação das tigelas de azeite no dia da passagem dos romeiros para S. Bento da Várzea, facto do meu tempo de miúdo, de quando eu morava aí, ao fundo do antigo Jardim.*

*Logo que possível o procurarei pessoalmente.*

*Ato. e Certo Vdr.  
Avis de Brito» \*\**

---

\* Os Visitantes procederão com delicado respeito pelo Senhor do Sacrário, mesmo orando em breve saudação. Se necessário podem acender as luzes da Igreja, mas com o máximo cuidado de as apagar logo depois.

\*\* Esta carta, porque muito tardia, não figura nos primeiros exemplares da Edição Restrita do «Roteiro do Visitante», enriquecida com a carta do Santo Padre João Paulo 2.º, com outras belas cartas e reportagens críticas num total de 50, para arquivo e uso particular dos seus Autores e reservadas pessoas.

Agora em segunda fase, com o «Roteiro» normal e simples em circulação, novas cartas apreciativas aparecem a ele referentes.

Não podendo imprimir-se todas, são nele representadas por esta que é modelar vendo no «Roteiro do Visitante» um rico valor para a visita de estudo aos valores da Igreja, mesmo em grupo, e apreciando interessantes pormenores do Livro-base, recordando usos tradicionais inéditos da mesma Igreja Beneditina, polo central de todos os nossos cuidados e dedicação.

## Ressalvando Erratas

### 1 — Do Livro-base: «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora Terço»:

- Pág. 17, linha 4: Leia-se «Nomeou o seu intermediário». Suprimam-se as vírgulas seguintes.
- Pág. 21, nota: depois de «fundamento», ponha-se «documentos à vista».
- Pág. 24, linha 3: Leia-se em português «Lencastre».
- Pág. 32, linha 9: Leia-se «S. Mamede» de Arcozelo, e suprima-se «pequenas» na nota.
- Pág. 47, nota: Onde se lê *jornaleiras* e *Ferradoras*, leia-se *caseiras* e *Ferradeiras*, que eram família dum ferrador.
- Pág. 52 e mais: Não é *geitos*, mas *jeitos*.
- Pág. 60, nota: Onde se lê «até hoje», leia-se «até então».
- Pág. 126 e seguintes: Onde está «*estufada*», seja «*estofada*».
- Pág. 127, linha 17: Onde se lê «1787», leia-se «1797».
- Pág. 151, linha 4: Onde se lê «de viga central», leia-se «de 3 vigas paralelas».
- Pág. 188, linha 16: Onde se lê «mimosa», leia-se «austrália».
- Pág. 192 e mais: Onde se lê «Calaouste», leia-se «Calouste».
- Pág. 196 b: Onde se lê *irmãos*, leia-se *tios*.
- Pág. 213, penúltima linha: Depois da palavra «S. Bento» acrescente-se «nesta igreja».
- Pág. 238: Sem largos recursos, com vendas lentas, e fraca saúde, será factível o «*Para depois*»?...
- Gravura 10: Onde se lê «Senhor dos Perdões», leia-se «Senhor do Perdão».

### 2 — Erratas deste «Roteiro»:

- Pág. 8, linha 8 \*: Onde se lê «1583», leia-se «1853».
- Pág. 38: Atenda-se a que o *Senhor Jesus* era também de elegante estatura com 1,83 de alto, assim o demonstrando inequivocamente a «*sacra síndone*», lençol que envolveu no sepulcro o divino corpo ensanguentado.



E M  
P O N T O F I N A L

**Ainda uma Carta das Mais Recentes**

É seu autor o Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Américo dos Santos, que foi muito digno Superior da Comunidade dos Senhores Padres Capuchinhos desta cidade e capelão da Santa Casa da Misericórdia local, hoje se encontrando na do Porto, Rua Nova do Tronco, onde em 27/12/82 datou esta expressiva redacção que bem merece reconhecimento e apreço.

*«Caro amigo, Sr. P.<sup>e</sup> Avelino,*

*Paz e alegria em Cristo e S. Francisco.*

*Sensibilizou-me muito a oferta dos dois pequenos livros «Roteiro do Visitante», da sua autoria, que teve a amabilidade de me enviar. Não sei mesmo explicar em que é que lhe mereci tanta gentileza. Penso que são imerecidas as amáveis palavras da dedicatória que se dignou autografar. Por elas o meu reconhecido muito obrigado. O Sr. Padre Superior e esta Comunidade do Porto, a que eu pertenço agora, agradecem e retribuem as Boas Festas que lhes envia por este meio.*

*Eu já tinha folheado, com muito interesse, o seu livro «A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço». Agora fiquei alegremente surpreendido ao*

receber este belo guia para quem se sinta atraído pela arte sacra. Permita que o felicite também por este opúsculo tão útil e prático. Estou certo de que ele será um excelente meio de proporcionar ao visitante um conhecimento rápido, e de rigor histórico, desse monumento de arte cristã que é a Igreja do Terço.

Sinto pena de que este «Roteiro» só tenha aparecido agora, que eu deixei a fraternidade capuchinha de Barcelos para pertencer à do Porto. Mesmo assim, quando for por aí sem muita pressa, procurarei fazer uma visita à igreja, acompanhado de tão competente «cicerone».

Foram muitas e qualificadas as personalidades que teceram merecidos elogios ao seu trabalho literário. Alegro-me com isso. Em minha opinião, na inteligência e no coração do P.<sup>e</sup> Avelino abriu-se uma fonte de investigação da Arte, que não deve estancar. Barcelos tem muitos monumentos prenhes de interesse histórico...

E porque não uma notícia sobre a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos e sua igreja? Já que o antigo capelão não a deu... Os documentos são abundantes, e estou certo de que a Mesa lhe facilitará o acesso a eles.

Ao terminar formulo sinceros votos para que o ano de 1983, juntamente com uma total recuperação da sua saúde, traga ao meu ilustre colega e amigo P.<sup>e</sup> Avelino a coragem para prosseguir na sua vocação de sacro investigador. Um abraço franciscano.

P.<sup>e</sup> Américo dos Santos».

\* \* \*

**«Tudo por amor de Deus e Sua maior glória.»**

— Era lema de S. Paulo e de muitos santos —

\*

**Ad maiorem Dei Gloriam**

# ÍNDICE

	PÁGS.
Para quê . . . . .	5

## I — ROTEIRO EM ACÇÃO

1 — Noções históricas e artísticas . . . . .	7
2 — Azulejos que falam de S. Bento . . . . .	13
3 — Azulejos que dão lições — Ala norte . . . . .	17
4 — Azulejos que dão lições — Ala sul . . . . .	23
5 — Imagens. . . . .	29
6 — Quadros clássicos — A Santa Face . . . . .	35
<i>E Assim se fecha</i> . . . . .	39

## II — NO FINAL

### — Arquivando —

7 — Apreciações Particulares — Julho . . . . .	41
(do Livro-base « <i>A Igreja Beneditina</i> »).	
8 — Outras apreciações — Agosto . . . . .	53
9 — Apreciações da imprensa e da rádio . . . . .	63
É este « <i>Final</i> » . . . . .	69
10 — Ressalvando erratas do Livro-base e do Roteiro .	71



LOUVADO SEJA  
NOSSO SENHOR JESUS CRISTO  
... R' ...  
PARA SEMPRE SEJA LOUVADO  
E SUA MÃE MARIA SANTÍSSIMA \*



\* É **jaculatória de saudação**, tradicional e bem portuguesa de sempre...

O Santo Padre João Paulo 2.º, na sua recente visita a Portugal (12-15/5/82),<sup>9</sup> carinhosamente a repetia por todo o lado, assim **a** confirmando na vivência da história lusa, como a recomendá-la a todos na vida social e familiar.

Noutros pontos fulcrais da vida portuguesa e cristã também vivamente insistiu o **Pontífice Peregrino em todo o Mundo, em Mensagem de paz e fé, verdade e amor.**







biblioteca  
municipal  
barcelos



14253

Roteiro do visitante